

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

DO LUGAR AO  
NÃO LUGAR:

REFLEXOS DA CIDADE CONTEMPORANÊA  
NO MERCADO PÚBLICO

IARA SCHMITT



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO  
ACADÊMICA: IARA SCHMITT / 12200591  
ORIENTADOR: RODRIGO GONÇALVES DOS SANTOS

FLORIANÓPOLIS 2018

# SUMÁRIO

PRÓLOGO	05
INTRODUÇÃO	09
ESPAÇO	13
NÃO LUGARES	17
Não histórico	
Não identitário	
Não relacional	
MANIFESTOS	35
PERCEBENDO E REVELANDO O ESPAÇO	41
TERRITÓRIO	51
COMPREENSÃO E AÇÃO	69
Comparação	72
Cartografia da resistência e cartografia do estranho	86
Contra-usos	220
CONSIDERAÇÕES	240
BIBLIOGRAFIA	242



# PRÓLOGO





# PRÓLOGO

Como uma boa curiosa que sou, este trabalho surgiu da vontade de investigar, estar disponível aos acasos, e me questionar buscando desprender meu olhar e superar aquela perda de valores essenciais ao “projetar”.

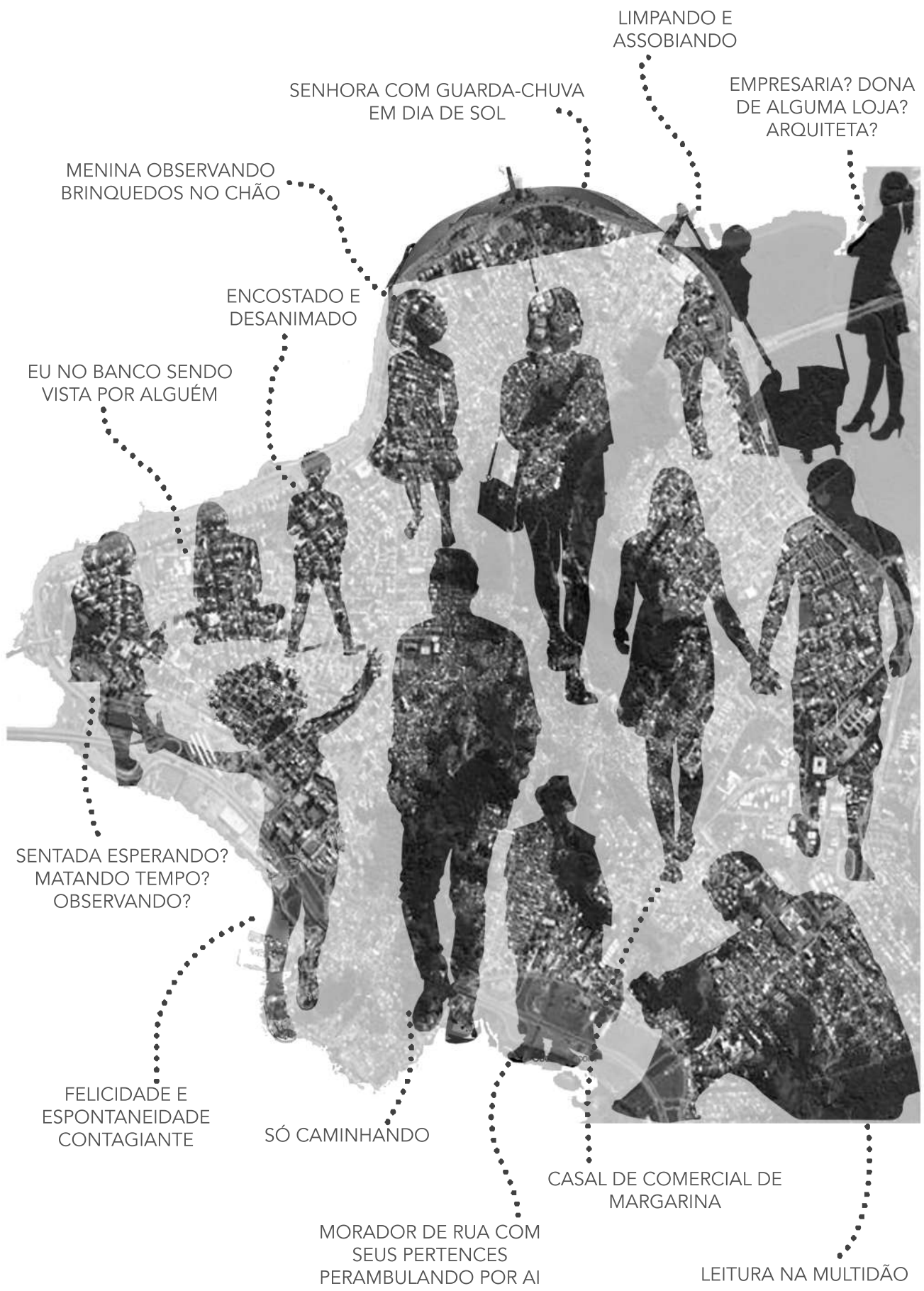
Não sei ao certo a ordem dos acontecimentos, se o trabalho surgiu de um raciocínio indutivo ou dedutivo - talvez os dois juntos. Se partiu de questões particulares até chegar a conclusões generalizadas ou se partiu do geral para o particular.

Mas certamente, é uma prática singular, onde o processo deu-se a partir de mim, com base nos estudos da graduação, e na minha própria experiência física com o espaço urbano, não em um ano, mas com a bagagem de vinte e cinco. Muitas viagens, lugares, culturas, um intercâmbio, uma família espalhada pelo mundo. O trabalho veio desse pensamento de estar em movimento o tempo todo, afetando e sendo afetada, entendendo os espaços urbanos o mais globalmente possível, sob um olhar subjetivo. Da caminhada à teoria. Da fotografia e desenhos às inquietações. Do lugar ao projeto. E ao mesmo tempo tudo ao contrário.

Tudo se entrelaça, ainda que tudo partiu de mim. O processo é, desde o começo, movimento e variação contínua. Minha metodologia é o meu próprio processo e não a busca de objetivos a priori. Deixo claro aqui que a pesquisa não vem de um olhar distante, não me eximindo dessa participação no espaço/tempo.

Assim como meus pensamentos, o meu processo não é linear, e sim um desdobramento de mim mesma, sem fim. Comecei sem saber por onde, me abri, descobrindo leituras, vivências, imagens, referências, desenhos...Um encontro comigo mesma.





MENINA OBSERVANDO  
BRINQUEDOS NO CHÃO

SENHORA COM GUARDA-CHUVA  
EM DIA DE SOL

LIMPANDO E  
ASSOBIANDO

EMPRESARIA? DONA  
DE ALGUMA LOJA?  
ARQUITETA?

ENCOSTADO E  
DESANIMADO

EU NO BANCO SENDO  
VISTA POR ALGUÉM

SENTADA ESPERANDO?  
MATANDO TEMPO?  
OBSERVANDO?

FELICIDADE E  
ESPONTANEIDADE  
CONTAGIANTE

SÓ CAMINHANDO

CASAL DE COMERCIAL DE  
MARGARINA

MORADOR DE RUA COM  
SEUS PERTENCES  
PERAMBULANDO POR AI

LEITURA NA MULTIDÃO

# ESPAÇO





# INTRODUÇÃO

A cada momento, ocorrem transformações na vida cotidiana de cada um de nós, que refletem na nossa relação com o espaço, o tempo e os outros. Essas mudanças sociais e urbanas resultam muito da Revolução Industrial, mas agora também do processo de globalização que as cidades e nós mesmos viemos experimentando. Readequações vindas principalmente com a tecnologia e globalização surgem e transformam o pensamento do homem. Tudo muda a qualquer instante. A dinâmica urbana é constante.

No espaço construído, novas formas de produção junto às idealizações frente ao desenvolvimento tecnológico levou à 'modelos ideais' de cidades, atendendo as demandas do capital, facilitando o controle e comercialização dos territórios. O planejamento urbano tornou-se uma importante ferramenta de especulação do capital imobiliário, tratando a própria cidade como mercadoria.

O destino do território acontece conforme jogos de interesses políticos e de setores do capital visando lucros. Estes processos resultam nas cidades que temos hoje, destinadas ao consumo, direta ou indiretamente, sob uma lógica de espetacularização da cidade, devido a competitividade urbana entre cidades. Assim, fazendo desaparecer os últimos vestígios de identidade cultural e tradições da cidade, por vezes, fragmentando e desfigurando o território urbano. Os deslocamentos se dão em função da circulação de mercadorias, de pessoas como força de trabalho ou como consumidores. "Fomos de uma sociedade de produtores a uma de consumidores". (ROLNIK, 1988).

Hoje a imagem do lugar ou da cidade passa a ser sua identidade, sua história a ser contada, e como resultado se tem uma cenografia urbana, uma memória criada. Esse processo de espetacularização de modo geral, está muito relacionado ao "empobrecimento da experiência corporal (...) enquanto prática ordinária cotidiana" (JACQUES, 2010, p. 113). Dessa maneira, esse empobrecimento da experiência corporal e urbana leva a redução das relações entre as pessoas e o espaço e, conseqüentemente, a perda da corporeidade, tornando esses espaços em cenários, o que colabora com a espetacularização urbana.

As pessoas constroem e ressignificam o espaço a todo momento, através de suas percepções e vivências com o mesmo. Mudam as apropriações, os fluxos, a identificação com o espaço, modificando até a imagem de uma cidade. Afinal, os atores do espaço são pessoas reais com desejos, humores e expectativas e que se relacionam entre si. Com essas mudanças, uma nova "cidade" surge a cada instante, surgem "novos" lugares, arquiteturas, espaços urbanos, enquanto outros são "descartados" e/ou descaracterizados e transformados.

O indivíduo da cidade em que vivemos traz em si a marca da sociedade consumista contemporânea. Onde o tempo é acelerado, as informações nos são bombardeadas, existem excessos de acontecimentos, imagens e referências espaciais e individuais a cada instante. Nesse contexto, a cidade é reflexo desse homem e vice e versa. A forma que criamos e ressignificamos arquitetura e urbanismo é um retrato de quem somos e da sociedade em que vivemos.

Alguns conceitos estudados, tal como espaço, lugar antropológico e não lugar, me permitiram tomar consciência dessas transformações, que surgem de uma forma aparentemente "natural" e vão substituindo a cidade "antiga" pela emergência de uma "nova cidade" ou ousando dizer, "não cidade".

# ESPAÇO<sub>5</sub>





# ESPAÇO

Na maior parte das ações do ser humano, desde civilizações antigas, encontram-se termos que expressam relações espaciais de orientação, como acima, abaixo, frente, atrás, esquerda, direita. Assim, o homem deseja estabelecer relações entre ele e o ambiente que o rodeia e assim, expressando sua posição no mundo.

“O interesse do homem pelo espaço tem raízes existenciais: deriva de uma necessidade de adquirir relações vitais com ambiente a sua volta para obter sentido e ordem em um mundo de acontecimentos e ações.”

No livro, *Existencia, Espacio y Arquitectura*, Christian deixa claro que existem algumas teorias de definição conceitual do espaço, baseadas no espaço euclidiano ou com base na psicologia da percepção, entre outras. Vou me ater à última, o espaço existencial. O espaço como lugar significativo, ou existencial, é ligado a experiência, que por sua vez é resultante da necessidade de uma orientação e identificação afetiva com o seu entorno. Essa “percepção do espaço” é, como o próprio autor diz, influência recíproca entre indivíduo e ambiente, é um processo gradual. Assim sendo, experimentar o espaço é estar exposto a sua essência, ao seu caráter.

“Não percebemos simplesmente um mundo comum a todos nós, senão mundos diferentes que são produtos de nossas motivações e experiências anteriores.” (NORBERG-SCHULZ, 2006, p.457) Tão importante quanto o próprio lugar são as dinâmicas e relações que acontecem nele, isto é, o seu “caráter”. Esse “espírito do lugar”, refere-se a sua essência. Enquanto o “espaço” indica a organização tridimensional dos elementos que formam um lugar, o “caráter” denota a “atmosfera” geral que é a propriedade mais abrangente de um lugar. (NORBERG-SCHULZ, 2006, p.449)

O caráter do lugar é vinculado com as pessoas. São elas que dão “valor” ao espaço, pois criam identidade e apropriação espacial e temporal. As vivências são parte significativa na sua construção, para entender os valores invisíveis contidos nele. Um mesmo local apresenta diferentes atmosferas dependendo do horário e dia, inclusive atraindo públicos múltiplos. Onde, a experiência do corpo no espaço o transforma em um lugar significativo.

Ao me deparar com textos como “Os olhos da Pele, A arquitetura dos sentidos”, *Espaço e Território*, *Existencia, Espacio y Arquitectura*, entre tantos outros, mais que entender os diferentes tipos de espaço, de forma bastante racional, os autores me fizeram pensar se eu estava “discutindo” somente geometria abstrata sem incluir o homem ou discutindo o espaço apenas como uma dimensão de existência humana.



As estruturas espaciais de orientação, estão presentes desde a antiguidade, como falei no início, onde uma pessoa pode se orientar no espaço sem mesmo se identificar com esse. O problema é a perda da relação subjetiva com o espaço, marcada pelo processo de globalização, onde as cidades vêm sendo construídas apenas segundo função de orientação, deixando de lado o conceito de identificação e assim seus atores não se sentem pertencentes a ela. Seu caráter não é conhecido, os corpos não dialogam com ela. Mesmo sendo possível a existência da orientação sem identificação, assim como o contrário, para se ter apropriação do espaço existencial o indivíduo deve se identificar, pertencer, habitar o espaço e orientar-se nele. Assim sendo, na vivência das cidades deve se ter uma interação entre os espaços arquitetônicos e as nossas próprias construções mentais das pessoas. Desse modo, o significado das coisas, não está contido apenas na materialidade em si, mas na consciência do indivíduo que passa pela experiência pessoal, na memória, sendo assim um ato genuíno de introspecção.

Quando se fala em espaço, naturalmente é o espaço arquitetônico, geométrico, euclidiano que vem à mente, ao menos da maioria das pessoas - inclusive, enquanto estudante, na prática projetual. Todavia, para mim o espaço, seja arquitetônico ou não, se opõe a esse caráter predominantemente formalista e objetivo da arquitetura, em detrimento dos aspectos multidimensionais, multissensoriais e subjetivos que compreendem nossa percepção do mundo. Nada mais é que um espaço experimental, ligado ao entorno, ao homem e a sua percepção. Onde esse espaço, a partir da experiência completa do corpo no espaço, adquire um significado e se torna lugar. Então, lugar é o espaço vivenciado, é o espaço existencial, é o espaço com significado. O lugar não compreende o espaço físico por si só, ele é relacionado a antropologia. Sendo assim, é importante reconhecer as ações, os atores, as memórias, os diferentes sentidos, e todas as possibilidades e complexidades da vida urbana, do "habitar" o espaço. Toda essa complexidade da experiência urbana, faz com que a cidade deixe de ser um cenário e se torne palco. é este entendimento sobre o espaço que considerarei ao longo deste trabalho para, constituir minhas próprias imagens e atmosferas.

De qualquer forma, em um mundo onde as experiências que vivenciamos são na grande maioria limitadas a visão, o espaço, como relação entre o homem e o ambiente em que o rodeia, tem sido modificado, esquecido ou explorado.

Acredito que o centro do meu estudo sejam as experiências espaciais, voltado para a aspectos multidimensionais, multissensoriais e subjetivos, admitindo as mais diferentes escalas. Na verdade as inquietações que a nossa sociedade atual geram no espaço, sejam boas ou ruins. Mas para isso, é fundamental analisar, descobrir e observar, a influência recíproca entre indivíduo e ambiente.

# NÃO LUGAR





# NÃO LUGAR

Os não lugares estiveram corriqueiramente presentes em minha vida, e talvez esse seja um dos motivos pelos quais esse tema me intriga. Embora tenha somente percebido mais precisamente isso quando fui apresentada a essa definição e sempre notado espacialidades sem a experiência completa do corpo, com essa perda de relações subjetivas, multidimensionais, multisensoriais com o espaço com o espaço, essa percepção, muito latente ao longo da minha vida, me incitou a entender o que exatamente era essa inquietação.

Entendo a categoria do espaço como algo muito além do entendimento raso do espaço geométrico. Eu trato essa definição enquanto espaço existencial. É ligado a experiência. Ligado ao entorno, ao homem e a sua percepção. Onde é importante reconhecer as ações, os atores, as memórias, os diferentes sentidos, e todas as possibilidades e complexidades da vida. Experimentar esse espaço é estar exposto a sua essência, ao seu caráter.

Segundo Augé, o enorme fluxo de pessoas e informações nos dão a sensação de que “o mundo encolheu”. E uma das consequências dessa mudança de percepção da escala do planeta seria a produção dos “não lugares”: espaços de passagem sem identidade ou referências coletivas. Por excelência, alguns exemplos de não lugares são os centros comerciais, supermercados, aeroportos, estações de metrô e terminais urbanos. Espaços padronizados de passagem, não de permanência, que pouco ou nada revelam sobre suas cidades.

Dessa maneira, os não lugares são uma nova configuração social que caracterizam a atualidade, e bem provavelmente o futuro. Ainda de acordo com Augé, os não lugares são: não identitários, não históricos e não relacionais. O contrário seria o que o Augé define como Lugar Antropológico.

AO LADO: Ilustração por NCMallory. Inspirada no livro “The Man of the Crowd” (O Homem da Multidão) de Edgar Allan Poe (1840).

SINOPSE DO LIVRO: O narrador da história, senta-se em um café em Londres e observa a multidão, lá fora. Passa o tempo classificando por tipos as pessoas que observa até que a noite começa a cair. O que realmente chama sua atenção um homem entre 60 e 70 anos. O narrador sai do café com o objetivo de seguir o homem através da multidão. Quando o fluxo diminui, o velho se sente angustiado e procura outra multidão. Incapaz de estar só, mas também incapaz de criar relacionamentos profundos. No final, o narrador o abandona a perseguição com um comentário: “Esse velho é o tipo e o gênio do crime profundo. Recusa estar só. É o homem das multidões. Seria vão segui-lo, pois nada mais saberei dele, nem de seus atos. O pior coração do mundo é mais espesso do que o Hortulus Animae e talvez seja uma das grandes misericórdias de Deus o fato de que ele jamais se deixa ler”.



# NÃO HISTÓRICO

Os não lugares são criados no mundo todo segundo uma mesma lógica genérica, homogeneizadora e espetacular. Os não lugares constroem uma memória de si no espaço e no tempo. A construção dessa história acontece através de “publicidade”, tratando o local ou a própria cidade como mercadoria. A imagem do lugar ou da cidade passa a ser sua identidade, sua história a ser contada, e como resultado se tem uma cenografia urbana, uma memória criada. Os não lugares são lugares espetáculos.

Guy Debord em “A sociedade do Espetáculo”, afirma que “o espetáculo é o capital em tal grau de acumulação que se torna apenas uma imagem”. Ou seja, essa imagem é predominantemente visual, onde a sociedade mede toda a realidade pela experiência do olhar. Os não lugares enquanto lugares não relacionais e não identitários, não são praticados corporalmente e sensorialmente. O processo de espetacularização dos lugares e da cidade de modo geral, está muito relacionado a esse “empobrecimento da experiência corporal (...) enquanto prática ordinária cotidiana” (JACQUES, 2010, p. 113).

A memória entretanto, é cotidiana e está relacionada a práticas sociais e culturais. Seu valor é universal, na qual vai se construindo através das relações entre pessoas e entre o lugar, podendo permear a todos. Para manter viva essa memória, é preciso preservar a identidade do lugar, da cultura e do povo, e principalmente manter presente as vivências corporais no espaço. Pois, o espaço quando produzido como cenário, perde seus valores e se torna artificial.

Michel de Certeau chama quem pratica os espaços enquanto os experimenta de praticante ordinário da cidade, no mesmo sentido que Milton Santos os chama de homem lento. Esses corpos, praticantes ordinários das cidades, legitimam, ou não, os projetos de arquitetura e urbanismo, reinventando continuamente o espaço sendo relacionados com os usos e ações praticados. Os lugares experimentados, a memória criada de forma orgânica, assim como a corporalidade, são formas de resistência a essa espetacularização. “Reconhecer a cidade como um ambiente de existência do corpo, que tanto promove quanto está implicada nos processos interativos geradores de sentido implica, reconhecê-la como fator de continuidade da própria corporalidade de seus habitantes.” (JACQUES, 2010, p. 82).

Dessa maneira, a diminuição da experiência corporal tem colaborado para a espetacularização urbana. A redução das relações entre as pessoas e o espaço e, conseqüentemente, o empobrecimento da experiência urbana, leva a uma perda da corporeidade, tornando esses espaços em cenários.



Logo de Florianópolis.  
Disponível em: <https://www.revistaeventos.com.br/Incentivos/Profissionais-de-turismo-paulistano-conhecem-Florianópolis-Ilha-da-Magia/11278>



Totem na Beira mar Norte . Disponível em: [https://www.tripadvisor.com.br/Attraction\\_Review-g303576-](https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g303576-)

Reportagem. Disponível em: <http://dc.clicrbs.com.br/sc/estilo-de-vida/noticia/2017/04/-florianopolis-e-a-segunda-melhor-capital-para-se-viver-no-pais-9779281.html>

## Florianópolis é a segunda melhor capital para se viver no país

24/04/2017 - 20h21min - Atualizada em 24/04/2017 - 21h12min

Sugerir correção



Por  
**DIÁRIO  
CATARINENSE**

COMPARTILHE:



Foto: Léo Cardoso / Agencia RBS

# NÃO IDENTITÁRIO

“O que é significativo na experiência do não lugar é sua força de atração, inversamente proporcional à atração territorial, ao peso do lugar e da tradição.”(AUGÉ,1994, p.108)

Tudo se torna relativamente homogêneo em sua diversidade. A verdade é que os não lugares possuem identidade, mas não com o lugar em que estão, com a cultura do país, com as pessoas. São identitários com outros “não lugares”, são equivalentes com outros espaços de outras partes do mundo, caracterizam-se por sua especialidade, universalidade e artificialidade. Os não lugares costumam ter grande funcionalidade e a mesma composição em todos, com ações condicionadas, mas sem ter identidade geográfica e cultural com o local. Eu, por exemplo, frequentemente me deparo com arquiteturas e espaços que nunca fui, mas que me criam uma falsa familiaridade, por serem tão “comuns” que os acabo reconhecendo, e de certa forma me sinto em um território “conhecido”. Já nos “lugares antropológicos” a experiência dos indivíduos está vinculada aos espaços que eles percorrem e habitam, a sua cultura, a sua história.

## CRÔNICA NO AEROPORTO - BÉLGICA 2015

Obviamente não sei falar belga, muito menos conseguiria ler as placas indicativas para chegar na área de embarque. Quando desci do ônibus, eu e minhas amigas “seguimos o fluxo”. Grande saguão, seguir para zona de embarque, apresentar passagens e passaporte, passar no controle de bagagens, seguir para o portão de embarque, sala de espera, embarcar. Nada foi diferente do aeroporto de São Paulo, talvez uns sorrisos a menos.

“(...) o interessante sendo que todos os consumidores de espaço acham-se, assim, presos nas ressonâncias e nas imagens de uma espécie de cosmologia objetivamente universal, simultaneamente familiar e prestigiosa (...)” (AUGÉ,1994, p.97)



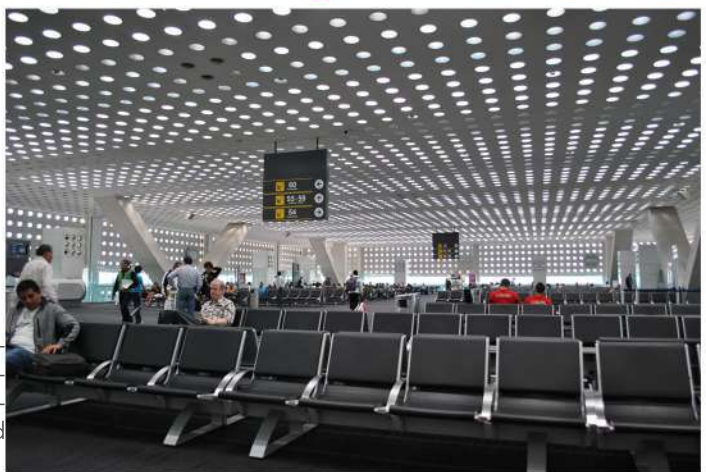
Aeroporto de Guarulhos. Disponível em: <http://roteiro-serelatos.com.br/o-novo-terminal-3-do-aeroporto-de-guarulhos>. Acessado em: 14/01/2018



Aeroporto de Londres. Disponível em: <https://www.viagemviagens.com/2013/chegando-em-londres-tudo-sobre-o-aeroporto-de-heathrow/>. Acessado em: 14/01/2018



Aeroporto da Cidade do México. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Aeropuerto\\_Internacional\\_de\\_la\\_Ciudad\\_de\\_México\\_-\\_Terminal\\_2\\_-\\_Área\\_de\\_Salidas.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Aeropuerto_Internacional_de_la_Ciudad_de_México_-_Terminal_2_-_Área_de_Salidas.jpg). Acessado em: 14/01/2018



Aeroporto de Florianópolis. Disponível em: <http://cndiario.clicrbs.com.br/sc/noticia-aberta/aeroporto-hercilio-luz-amanhece-com-filas-no-quinto-dia-de-operacao-padrao-166288.html>. Acessado em: 14/01/2018



# NÃO RELACIONAL

Entendo os não lugares, como bolhas, onde nada se relaciona com o seu redor, mas ao mesmo tempo se relaciona consigo mesmo, e com os outros não lugares. As bolhas, se tornam um sistema à parte, onde esses espaços são fadados à "individualidade solitária, à passagem, ao provisório e ao efêmero", como diz Auge. No processo de globalização é visível essa relação dialética entre os não lugares e os lugares antropológicos, onde os não lugares impõem normas e padrões "estranhos" ao lugar, fragmentando e desfigurando o território, caracterizando uma perda de relação subjetiva com o espaço. Os lugares antropológicos, por sua vez, caracterizam resistência e representam as singularidades produzidas no território.

O tempo, as pessoas e as ações que acontecem nos não lugares tem particularidades, e são diferentes das relações que acontecem nos lugares antropológicos.



## TEMPO

Pensando sobre a dinâmica urbana, o tempo surge como um fator importante na formação da vivência da cidade e da rede de relações entre os atores. Imediatamente quando se pensa em tempo, para o ser humano, em senso comum, o tempo é a duração e o transcurso. Conhecido como o tempo cronológico, segue uma ordem linear. Entretanto, existe também o tempo, que chamei, "psicológico", que não segue uma sequência. é o tempo que está dentro do pensamento do ator e não tem como ser medido. O tempo de cada pessoa, o tempo "psicológico" é ligeiramente ou totalmente diferente de uma pessoa para outra, pois varia conforme a vivência e o espaço. E a velocidade desse tempo interfere no "consumo" do espaço no tempo.

Na atualidade, o ritmo das mudanças ultrapassa o ritmo da vida. Nada está parado à nossa espera, tudo muda constantemente. Temos a vontade de fazer "encurtar" o tempo, fazendo tudo de forma rápida. Tendo tratado do tempo na cidade, apresentando uma diferenciação - e oposição - entre o "homem lento" e o "homem dos riscos", os tempos lentos e os tempos rápidos. Seus entendimentos contribuíram para esclarecer o tempo no lugar antropológico e no não lugar. Milton Santos mostra que nas cidades vão existir as diversas temporalidades do homem, através do cotidiano, das vivências, diferenciando perspectivas e definindo singularidades.

"Durante séculos, acreditávamos que os homens mais velozes detinham a inteligência do Mundo. [...] Agora, estamos descobrindo que, nas cidades, o tempo que comanda, ou vai comandar, é o tempo dos homens lentos. Na grande cidade, hoje, o que se dá é tudo ao contrário. A força é dos "lentos" e não dos que detêm a velocidade elogiada por um Virilio [...]. Quem, na cidade, tem mobilidade - e pode percorrê-la e esquadrihá-la - acaba por ver pouco, da cidade e do mundo."(SANTOS, 1996, p.220).

O "homem lento", elaborado por Milton Santos, personifica o homem comum, do lugar, que, nas cidades, resiste a essa visão de sociedade, fundamentada na cultura do instantâneo, imposta pela globalização. O tempo na atualidade é veloz, e o "homem lento" de Santos está disposto a permanecer, perceber e vivenciar o espaço, e mais, criar relações com ele e com os outros, criando experiências diversas, enfrentando o individualismo e a padronização na cidade. Para Santos, tempo e espaço fundiram-se no mundo globalizado, e essa unificação acaba generalizando os desejos do homem.

Em contraponto, o "homem dos riscos", figura citada por Almeida-Filho, possui uma temporalidade diferente, da velocidade e da modernidade. Esse homem é um "[...] novo sujeito, ele se revela cada vez menos subjetivo", possui um tempo "psicológico" rápido e segue uma lógica competitiva.

Dessa maneira, o "homem lento" e o "homem dos riscos" possuem tempos "psicológicos" muito diferentes.

Vivemos no tempo veloz da globalização - um único tempo, da generalidade. Essa aceleração dos ritmos, essa perda dos hábitos do 'homem lento' é fator gerador de não lugares. O tempo nos não lugares é o tempo do consumo e da velocidade que faz com que a apropriação do homem também seja generalizada, nos tornando apenas espectadores no espaço, deixando de ser atores, praticantes. Ou seja, a aceleração do tempo ultrapassa a espacialidade e as territorialidades, do modo que a informação cada vez mais corre em tempo real. A aceleração do tempo e do ritmo do homem contemporâneo é percebida em muitos espectros de nossa vida. Entretanto, essa dimensão temporal realça a condição do não-lugar.

Em oposição, o homem lento se estabelece nos lugares antropológicos.

## CRÔNICA UMA TARDE QUALQUER NO SHOPPING

A sensação é de estar "perdido" no tempo depois de passear no shopping. Quando entra é dia, quando sai é noite. O tempo passa rápido demais ali e ninguém percebe.

A intenção é "perder" tempo, consumir, sair. Não existe relação com o mundo exterior que possa dar noção do tempo gasto. Muitas luzes artificiais, poucas ou nenhuma abertura para entrada de luz natural ou sequer um raio de sol.

Não existe o meio termo, só o dentro e o fora. Não sei se chove, se está frio ou calor, se venta. Dentro nada se sente.

## CRÔNICA UMA TARDE QUALQUER NA FEIRA DA UFSC

Sentir a grama entre o dedos, a umidade da terra passando pela roupa, o vento no rosto, o sol na pele, o cheiro do pastel - é difícil não ouvir comentários altos sobre a vontade de comer um pastel depois de sentir seu cheiro. Existem caminhos prontos, área de grama, mas o que todo mundo procurava naquela tarde era uma sombra e um caldo de cana gelado.

O interessante é que a disposição dos vendedores de barraquinha é sempre a mesma, não importa qual quarta feira do ano for. Mas os outros, usavam o espaço de forma diferente conforme a hora do dia, a quantidade de pessoas passando. O espaço aqui é incerto. Em horário de almoço, por exemplo, se posicionam em frente a área que todos estão sentados - principalmente se estão vendendo comidas- talvez por posicionar seus produtos no chão, as pessoas vejam com mais calma e de perto seus produtos. Em dias ensolarados, como aquele, alguns aproveitam as pequenas sombras das folhas das palmeiras para expor, mas outros preferem voltar seus produtos para sombra, sabendo que as pessoas ali vão ficar. As horas do dia, transformam a dinâmica do espaço. O espaço é relacional, onde tem gente vendendo, comprando, conversando, vendo, passando, aproveitando o sol, comendo e no meio disso tem gente lendo um bom livro. Cada um com seu ritmo, no seu tempo.

Os corpos dos vendedores de roupas, sapatos, comidinhas e outros que não possuem barraquinha também se portam de forma diferente, se movimentam o tempo todo. A pessoa está passando longe e eles já estão sorrindo, chamando ou simplesmente cumprimentando e dando um "bom dia", "olá, boa tarde" e assim atraindo de alguma forma compradores e sendo percebidos. Já a senhora da barraquinha de verdura, conversa incansavelmente com a senhora da barraquinha de bolos a sua frente, onde as duas riem alto, sem mesmo se importar com os compradores que bagunçam seus produtos.

O homem lento é agente do encontro solidário para a transformação social. Milton Santos (2008, p.77) pensa o tempo de modo a evitar "[...] o esqueleto abstrato da universalidade".



Tem até criança pelada!!

(...)talvez por posicionar seus produtos no chão, as pessoas vejam com mais calma e de perto seus produtos.



(...)usavam o espaço de forma diferente conforme a hora do dia, a quantidade de pessoas passando.



(...) e no meio disso tem gente lendo um bom livro. Cada um com seu ritmo, no seu tempo.

## PESSOAS

Tratarei aqui de duas grandes questões, quando penso nos atores dos não lugares. Existe um grupo social restrito de pessoas que se apropria desses espaços e essa é a primeira questão, a homogeneidade dos frequentadores. E a segunda, é a ausência de uma relação entre as próprias pessoas, “tornando a cidade cada vez mais um espaço de anonimato e solidão, ou seja, fazendo prevalecer a liberdade (indivíduo) sobre o sentido (sociedade)”. (AUGÉ, 1994)

O espaço que só uns têm acesso, não é democrático, pois não há diversidade ou confronto de ideias. Os não lugares são marcados pela homogeneidade dos indivíduos, mostrando uma figura de hierarquia dominante, que se torna universal; o lugar, anteriormente antropológico, ao se transformar, progressivamente, em não lugar sofre a substituição de uma diversidade de grupos sociais ali existentes por outro. Não apenas um grupo é expulso, mas a pluralidade se perde.

Esse processo de transformação que acontece principalmente nos centros urbanos, é chamado de gentrificação. É um processo de retirada e substituição da população, que é ocasionado pela alteração das dinâmicas da composição do espaço, ligadas a operações urbanas de requalificação e revitalização, para valorização e espetacularização de uma área, afetando a população mais “frágil” ali antes presente. Assim, acontece uma expulsão por dificuldade de permanência, pois a realidade foi alterada.

A cidade para ter uma função social, deve promover uma experiência urbana na qual exista possibilidades e diversidade. A cidade deve ser espaço de luta por reconhecimento e legitimação de demandas coletivas. Mas principalmente, da participação popular nas tomadas de decisões, para almejar uma sociedade igualitária. Ampliar o direito à cidade é assumir essas diferenças, reconhecer quem a ocupa e quais são suas necessidades, expectativas e esperanças para a cidade.

A questão entre indivíduo e sociedade está presente a todo momento por que afinal são as pessoas que interagem, criam possibilidades e determinam uma experiência. Os não lugares estão normalmente cheios de pessoas e de funções, por se tratarem de espaços de comunicação, circulação ou consumo, onde o global penetra no local. Todavia, existe uma solidão, uma espécie de desligamento do espaço físico e social onde se está, que permite um distanciamento do cotidiano, da rotina, uma experiência de anonimato. Os não lugares são vazios de relações entre as próprias pessoas, onde assim, em ambos os casos, lugar antropológico e não lugar, são simultaneamente cheios e vazios. “(...) os não lugares medeiam todo um conjunto de relações consigo e com os outros que só dizem respeito indiretamente a seus fins: assim como os lugares antropológicos criam um social orgânico, os não lugares criam uma tensão solitária.” (AUGÉ, 1994, p.87)





## AÇÕES

Segundo Marc Augé, os não lugares são caracterizados como espaços não relacionais, por terem uma intenção clara, como consumo, lazer, circulação, informação. As ações indicam então, um uso econômico e não político ou social.

A experiência do corpo no espaço e no tempo, transforma o lugar. Por sermos pessoas reais, as ações têm diversidade e intensidade bem diferentes, mudando o espaço a todo momento. Logo, uma mesma ação pode ter diferentes tempos, ritmos. Essa velocidade interfere no "consumo" do espaço no tempo. Mas ao mesmo tempo, o espaço pode "moldar" as ações. Nos não lugares elas são contidas, tem limites. As pessoas não conseguem se apropriar do espaço de forma livre. Nada de "estranho" acontece por ali, nenhuma surpresa. Tudo é igual.

E isso tem muita relação, como eu já disse, com a falta de identidade desses espaços e com a homogeneidade desses "experimentadores" de espaço. Solitários, talvez.

## ANDAR

Um simples deslocar no espaço pode ser totalmente diferente dependendo da maneira como acontece. Uma rampa, por exemplo, é capaz de seduzir o caminhar, proporcionando novas percepções no espaço. Escadas rolantes, ao contrário, proporcionam uma circulação acelerada e solitária, um ritmo característico de espaços de "passagem".

## RAMPA

As rampas da Fundação Iberê Camargo em Porto Alegre, se destacam no exterior, onde há o contraste entre as curvas e retas da edificação, mas principalmente me chamaram atenção por estarem separadas do corpo principal. Já, dentro do edifício, elas são marcantes na própria vivência do transeunte. A sensação é de que ao caminhar nas rampas existe mais que um desprendimento físico com o edifício, mas um afastamento “psicológico”, onde a experiência muda com o andar. As rampas me levaram para um outro “estado de espírito”, de reflexão. Parecem fazer com que se reflita sobre as exposições vistas no andar anterior e se prepare para receber as exposições do andar seguinte. Elas trazem um andar deleitoso, como suas curvas, e de certa forma lento. Outra sensação única, é a conexão com o exterior, que ocorre apenas pelos pequenos rasgos nas rampas. Esse diálogo com o entorno não acontece mais em nenhum lugar no museu. Criando um momento bastante particular, que me instigou a curiosidade e um caminhar atento aos detalhes.



Rampas da Fundação Iberê Camargo. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/08.093/2924>. Acessado em: 10/2017



Escadas rolantes em rua de Las Vegas-EUA. Disponível em: <https://www.alamy.pt/foto>. Acessado em: 10/2017

## ESCADAS ROLANTES

Em Las Vegas lembro que as passarelas sobre as vias eram com escadas rolantes, não preciso nem dizer que isso me chocou. Em um centro comercial ou shopping quando estamos em escadas rolantes, o olhar se volta às vitrines, os grandes anúncios, enfim, às lojas. Em Las Vegas, a sensação era que a cidade era um grande shopping, onde a intenção era clara, não fazer nada - nem subir degraus - nada além de admirar e “comprar” a própria cidade. A ação do andar tem aqui um uso econômico. A imagem da cidade, o cenário criado são os protagonistas. As pessoas são espectadoras e “consumidoras” desse espaço, não interagindo e nem relacionando com ele, estão paradas.

# MANIFESTOS





# MANIFESTOS NÃO ESPACIAIS

Pensamentos, intervenções, instalações, críticas.

## SEMANA DE ARTE MODERNA DE 1922

O conhecimento e principalmente o interesse por pintura e poesia antecedem o tcc, por conseguirem transparecer o autor através de traços e palavras. Minha afeição nessas áreas me fez lembrar e relacionar com o trabalho, uma importante passagem da nossa história nacional, a semana de arte moderna de 1922.

Realizada entre os dias 13 e 18 de fevereiro de 1922, no Teatro Municipal de São Paulo, a Semana de Arte Moderna contou com a participação de vários artistas e escritores do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Em um período repleto de agitações, o evento foi uma explosão de ideias inovadoras que reuniu diversas apresentações e provocou grandes e profundas transformações nas artes e cultura do país, tendo como objetivo criar uma arte essencialmente brasileira, embora ainda inspirada nas novas tendências européias. Os artistas brasileiros buscavam liberdade de expressão e desenvolver uma identidade genuinamente nacional e assim, romper com o passado, ou seja, com os valores estéticos antigos - cultura europeizante do século XIX.

Escolho uma obra de Anita Malfatti que sempre me chamou atenção. Pintora e uma das figuras centrais na Semana de Arte, realizou a primeira exposição modernista brasileira em 1917. Entre os escritores modernistas escolho dois poemas de Mário de Andrade. Um dos principais articuladores da Semana de Arte Moderna de 22. Confesso que conhecia apenas um.



Tropical – Anita Malfatti

De maneira sutil, Malfatti valoriza a identidade e a cultura brasileira, com uma temática nacionalista e cotidiana. Coloca uma mulher de pele miscigenada como figura central de seu quadro carregando frutas tropicais, remetendo ao Brasil.

## Descobrimento

Abancado à escrivaninha em São Paulo  
Na minha casa da rua Lopes Chaves  
De supetão senti um friúme por dentro.  
Fiquei trêmulo, muito comovido  
Com o livro palerma olhando pra mim.  
Não vê que me lembrei que lá no Norte, meu Deus! muito longe de mim  
Na escuridão ativa da noite que caiu  
Um homem pálido magro de cabelo escorrendo nos olhos,  
Depois de fazer uma pele com a borracha do dia,  
Faz pouco se deitou, está dormindo.  
Esse homem é brasileiro que nem eu

(Clã do Jabuti, 1927)

O poema “Descobrimento” aborda a diversidade do brasileiro, distante dos moldes europeus. Anteriormente, eram descritos e não representavam genuinamente o povo brasileiro.

## Inspiração

São Paulo! Comoção de minha vida...  
Os meus amores são flores feitas de original...  
Arlequinal!... Traje de losangos... Cinza e ouro...  
Luz e bruma... Forno e inverno morno...  
Elegâncias sutis sem escândalos, sem ciúmes...  
Perfumes de Paris... Arys!  
Bofetadas líricas no Trianon... Algodoad!...  
São Paulo! Comoção de minha vida...  
Galicismo a berrar nos desertos da América!

(Pauliceia Desvairada, 1922)

Elegi o poema “Inspiração”, publicado em 1922, pois é notável que o tema é uma paisagem local, familiar ao autor. Remetendo a imagens e atmosferas diversas, descreve São Paulo com uma linguagem coloquial e totalmente pessoal, inclusive, gramaticalmente, isso é bem claro. Ao mesmo tempo o poema faz uma crítica às importações estéticas, como o tom irônico no verso: “Perfumes de Paris... Arys!”

Resgatei em minha mente, esse evento pelo simples fato de que esses artistas estavam buscando a identidade e as singularidades de nossa cultura, genuinamente brasileira. Uma tentativa de resgate aos valores invisíveis. Também achei pertinente por suas abordagens como o predomínio do aspecto subjetivo e emocional dos próprios autores.

“.. (...) é aos fatos de singularidade que se deveria prestar atenção: singularidade dos objetos, singularidade dos grupos ou das pertinências, recomposição de lugares, singularidades de toda ordem, que constituem o contraponto paradoxal dos processos de relacionamento, de aceleração e de deslocalização muito rapidamente reduzidas e resumidas, às vezes, por expressões como “homogeneização - ou mundialização - da cultura” (AUGÉ,1994, p.41)

## A ESPONTANEIDADE NA OBRA DE HÉLIO OITICICA

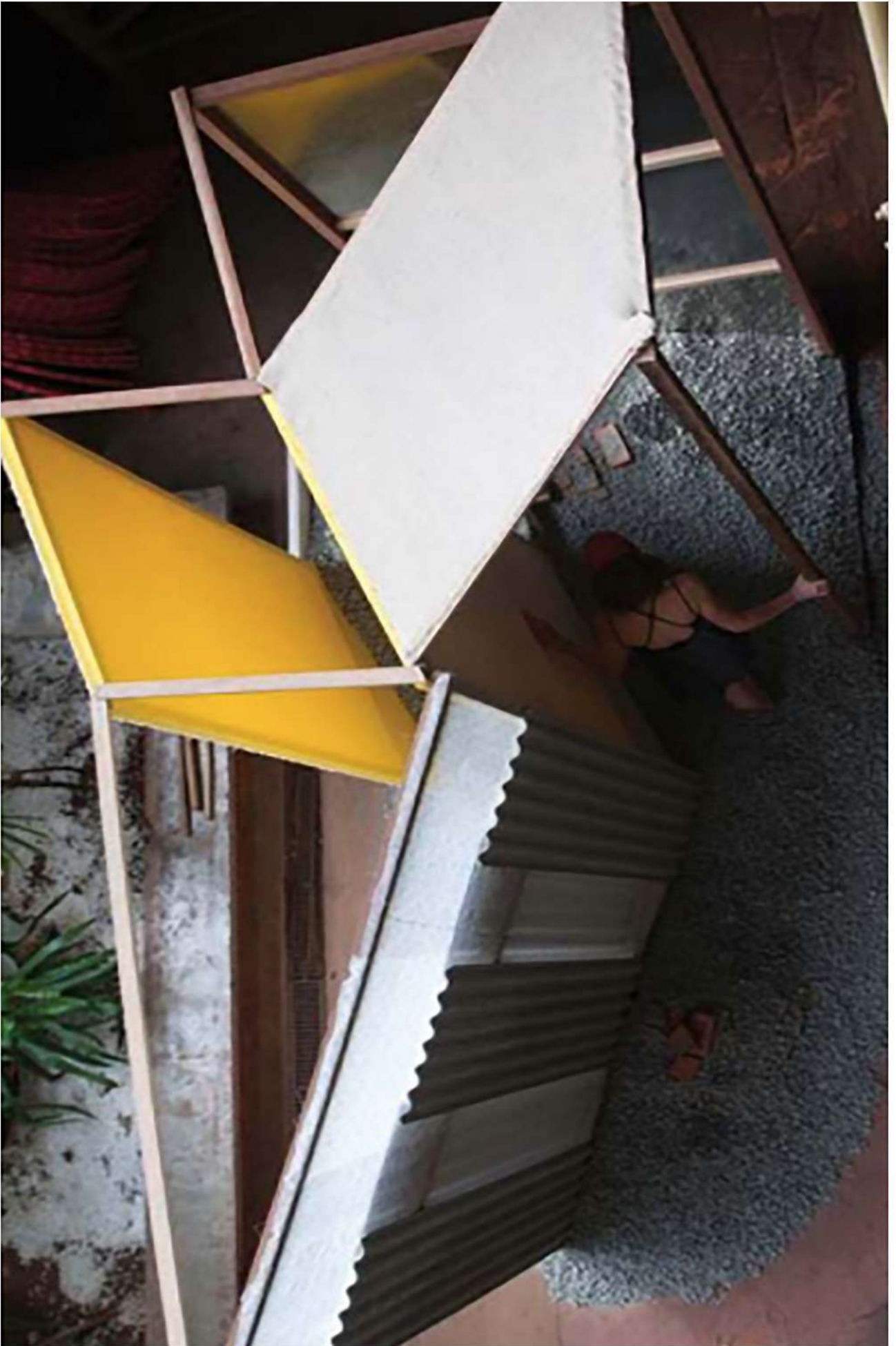
Hélio Oiticica não acreditava que a arte deveria ser fechada em um conceito, o trabalho não deveria ser a busca de uma imagem que simbolizasse esse conceito, pois isso seria redundante. Na verdade para ele a arte não deve ter uma imagem final, mas sim um intenso processo de apropriação dos espectadores, que viriam a ser os próprios atores. Oiticica acredita na incorporação do corpo na obra e da obra no corpo. O conceito orienta o trabalho do artista que posteriormente também pertence aos espectadores. Essa lógica de apropriação do corpo no espaço e no tempo, se “materializa” como uma resistência ao processo de espetacularização dos lugares e dos corpos. A apropriação da arte, para Oiticica, libertaria as pessoas da alienação, sendo o papel do artista orientar, mediar, mas nunca condicionar. A arte aqui é criadora de relações e tensões no espaço, propondo experiências corporais sensíveis e, assim, perturbando a imagem “natural” do espaço que o espetáculo tenta fabricar.

“A favela-labirinto se faz continuamente. Favelados continuam a tecer sua grande rede coletiva, quase impossível o desenho de um mapa definitivo, que fixe no tempo um processo espacial inacabado e aberto, de um labirinto não-projetado.” (Hélio Oiticica)

“é a própria celebração da “ordem da desordem”, que não tende a uma imagem final, ou seja, não é condicionada ou condicionante.”(Hélio Oiticica)

Ao lado, instalação restaura/ instaura sensações singulares no espaço.





# PERCEBENDO E REVELANDO O ESPAÇO





# PERCEBENDO E REVELANDO O ESPAÇO

## NEM SEMPRE NÃO LUGAR, SEMPRE NÃO LUGAR, TALVEZ UM NÃO LUGAR

"A localidade se opõe à globalidade, mas também se confunde com ela" (SANTOS, 1996, p.258).

A cidade local, singular, a cidade de todos os dias se sobrepõe a outras eventualmente, onde camadas são adicionadas e/ou retiradas com o tempo. A camada sobreposta domina econômica e socialmente a cidade por um período, subordinando a cotidianidade. Eventos, pessoas, épocas do ano, interferem no território/tempo, adicionando uma camada nova à sociedade e à cidade. Existem os não lugares, que como defendo, são não lugares sempre, por não serem históricos, relacionais e identitários, como aeroportos e os shoppings, por exemplo. Mas, existem também os lugares que se tornam não lugares por um período. São espaços complexos, onde existe uma articulação do global e do local, onde existe uma abundância de cooperação e conflito. Essas mudanças são capazes de transformar uma cidade toda em uma não cidade, como é o caso de Florianópolis durante três meses do ano.

A percepção é a nossa primeira forma de conhecimento. Segundo o filósofo Merleau-Ponty, nosso saber provém das sensações enviadas pela percepção, que se somam e formam nosso consciente. Assim, minha aproximação foi baseada no pensamento da fenomenologia, através de vivências e experiências, me colocando como um praticante ordinário no espaço, segundo uma lógica corpográfica. De Certeau chama de praticantes ordinários da cidade o que Milton Santos chama de homem lentos, mas num mesmo sentido os praticantes ordinários experimentam corporalmente e sensorialmente os espaços quando os praticam. A corporalidade desse jeito, é uma forma de resistência também a espetacularização, "da visualidade rasa da imagem de marca espetacular da cidade-cenográfica." (JACQUES, 2010.)

Minha ideia foi descrever os fenômenos que percebi e não exatamente explicá-los, sem tentar encontrar uma lógica. Busquei o caráter do local, a sua atmosfera. Tudo foi se revelando aos poucos, as singularidades foram aparecendo, assim como para a fenomenologia, onde a aproximação é íntima.

Procurei apreensão por meio de experiências centradas no corpo, onde a compreensão me fez sentir intensamente sons, cores, movimentos, ações, corpos, tempos e tudo que foi percebido por mim. Essa produção cartográfica, que não ousaria dizer conclusiva, são registros fotográficos que descrevem as minhas experiências feitos em dias e horas diferentes, épocas do ano opostas e espaços completamente diversos em Florianópolis.

Perceber Florianópolis é vivenciar e se expor a ela, é deixar a subjetividade aflorar. Mas a melhor maneira de mostrar um espaço perceptivo é fazendo o outro imaginar.



# PRAIA

Dizem que as praias de Florianópolis são os parques da cidade. E como moradora de ilha, eu compartilho dessa opinião, uma vez que as frequento durante todo o ano. Todavia, em meses de inverno ou verão as praias mudam totalmente seu caráter de apropriação e sua espacialidade, porque principalmente mudam as pessoas que as ocupam.

No verão, os moradores da ilha, aqueles que frequentam as praias o ano todo, se sentem estranhos no espaço e não pertencentes ao lugar; não reconhecem os rostos. Pequenas espacialidades são criadas debaixo de cada guarda-sol ou sobre uma toalha, e para se chegar ao mar, tem que desviar e costurar entre elas. Certas vezes a sombra de um guarda-sol encontra outra, insinuando uma aproximação de espacialidades, mas que no fundo não acontece. Além do mais, existe uma disputa de afirmação no espaço com sons altos ou tendas enormes.

Nos meses mais frios ou até em dias chuvosos, tudo é diferente. As ações praticadas são outras, onde até os cachorros se sentem mais à vontade no inverno. Leituras distraídas, corridas com roupas de academia, encontros ocasionais, passeios com cachorros, yoga introspectiva.. Enfim, as ações aqui são mais observadas, e cada pequeno movimento é sentido por todos. O espaço se torna uma extensão da região, é ponto de encontro e reconhecimento. Ao contrário do verão, que apesar de estar cheio de pessoas, prevalece o anonimato e a solidão.



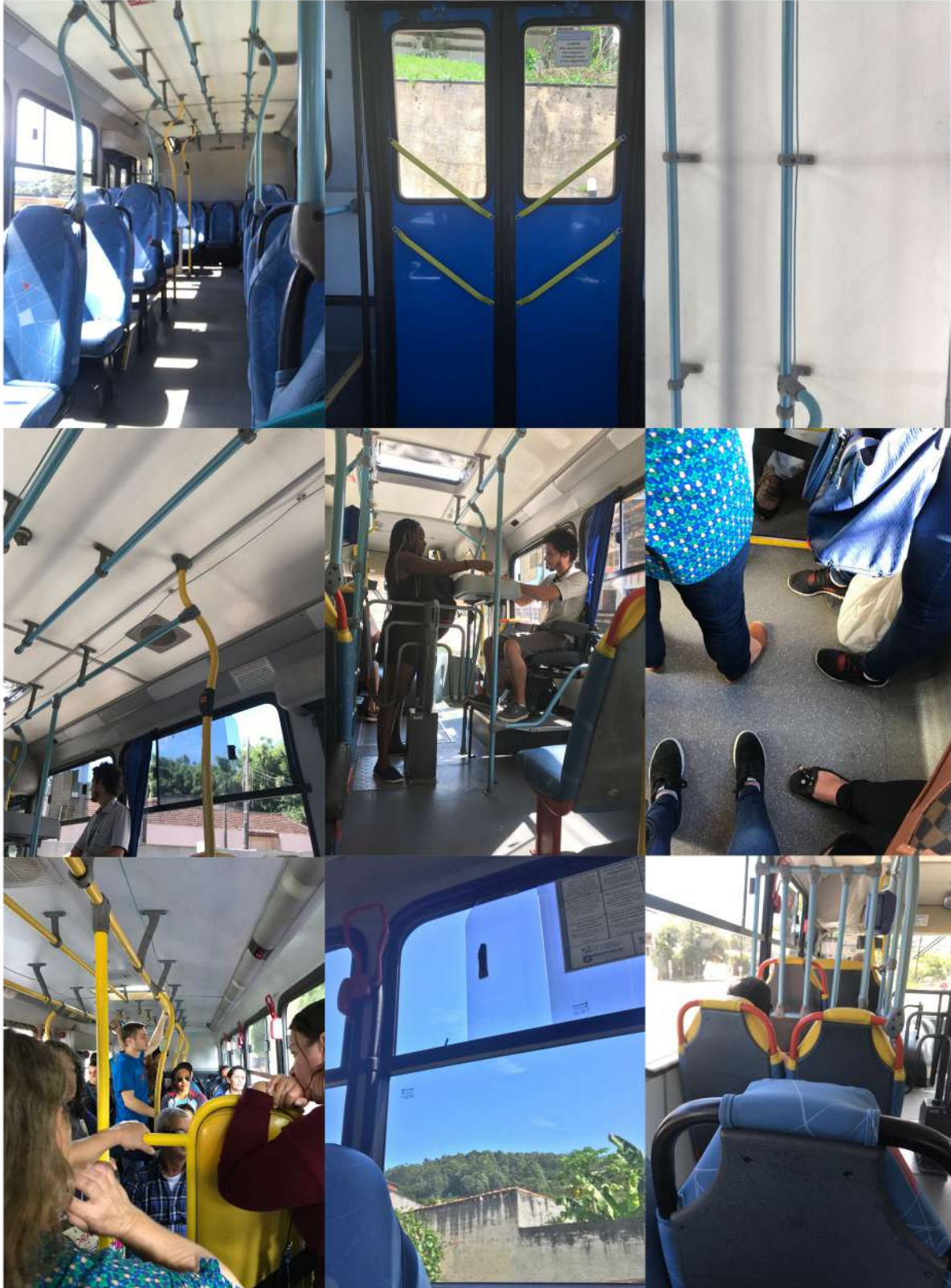
# ÔNIBUS

Todos os dias da semana eu pego o ônibus Córrego Grande 163 para ir trabalhar. Seu trajeto começa no TITRI (Terminal de Integração da Trindade) e termina na subestação no fim do Bairro Córrego Grande. Mas eu pego ele no meio do caminho e vou até o fim de seu trajeto. Tanto eu quanto o ônibus realiza esse movimento pendular diariamente. Mas o interessante aqui são os movimentos e as densidades realizadas dentro do ônibus em horários diferentes. Quando eu vou no ônibus das 8h e das 18h, acontece uma dinâmica bastante única, pois todos no ônibus se conhecem. Um grupo de domésticas que trabalham em casas vizinhas conversam sobre seus dias, fofocam e comparam padrões. Adolescentes e crianças sozinhos indo e voltando da escola contam sobre provas, brincadeiras no recreio e reclamam de sono. As crianças por sua vez, se divertem nas curvas do trajeto em direção ao poço, soltando gritos e risadas altas. As mães com seus filhos no colo trocam experiências. Eu e meus colegas de trabalho

No ônibus não existem muitos equipamentos ou condições para novas ações, mas as pessoas criam outras espacialidades por necessidade. A maneira como os bancos se dispõem são bastante rígidos. As domésticas são um grupo bem "consolidado", pois são várias e sobem e descem no mesmo ponto, andando sempre juntas. Mesmo que sentadas longes, viram seus corpos de encontro ao olhar das outras. As que estão em pé se agacham e se inclinam para manter o diálogo. Nada impede que elas mantenham essa relação, até o ônibus parar e todas descerem.

Toda vez que vejo essa cena, me lembro dos ônibus circulares italianos. Os bancos eram dispostos de frente uns com os outros. Certas vezes era um pouco desconfortante, pois você era obrigado a olhar para pessoa a sua frente e ter qualquer tipo de comunicação, seja um sorriso ou um "buon giorno".





# SHOPPING

Sem contato com a cidade, com a vida coletiva e com o encontro, o Shopping Beiramar é desconectado da estrutura urbana, conformando uma assustadora construção engolida pelo crescimento da cidade.

O seu espaço, mas também a lógica de consumo fazem do shopping uma "cidade" sem diversidade, exclusiva e vazia de relações, sendo um espaço de controle, onde tudo é programado.

Em relação a sua arquitetura: não tem porta de entrada principal, apesar de existirem inúmeras entradas. Não possui janela, apesar de existirem inúmeras vitrines que funcionam como janelas. Não possui um trajeto único, apesar de você ter que passar por todas as lojas para chegar em algum lugar. Não tem praça pública, apesar de ter praça de alimentação. Não tem identidade, apesar ser igual a todos os shoppings. Na verdade, tudo virou shopping, ou melhor, a lógica do espaço de consumo é que organiza a vida em diversos outros lugares. Tem Hospitais que se equipam com espaços de consumo para seus pacientes e academias que abrigam serviços, restaurantes, lojas de artigos esportivos, além de salão de beleza.



# TERRITÓRIO





# TERRITÓRIO

Seguindo minha abordagem, de estar sempre em movimento e de investigar, era bastante óbvio que alguns espaços foram se revelando para mim ao longo do trabalho por suas complexidades e principalmente por causarem em mim uma reflexão e criarem questionamentos dentro do contexto de globalização e de mudanças sociais comportamentais e espaciais, como mostrei nas cartografias do Terminal de Integração do Centro e do ônibus 163 - Córrego Grande em diferentes dias e horários, do Shopping Beiramar e de praias no verão e inverno.

Dentre eles, decido portanto, me aprofundar no Mercado Público de Florianópolis e seu entorno.

Quando imaginei uma espacialidade para territorializar os conceitos estudados, era bastante óbvio para mim que deveria ser em Florianópolis. Por fazer parte do meu cotidiano e seguindo minha lógica de abordagem em que não me eximo do espaço/tempo.

Deveria ser significativo não apenas para mim, mas também para o outro, compondo parte da memória urbana coletiva. Assim, minhas colocações fariam (talvez) o outro refletir e se questionar.

Na história, os centros históricos possuem caráter simbólico por terem sido ponto de desenvolvimento das cidades, assim como os Mercados Públicos são extremamente significativos para as cidades e suas populações. Principalmente as cidades brasileiras litorâneas tem em seus Mercados, verdadeiros signos urbanos de sua identidade.

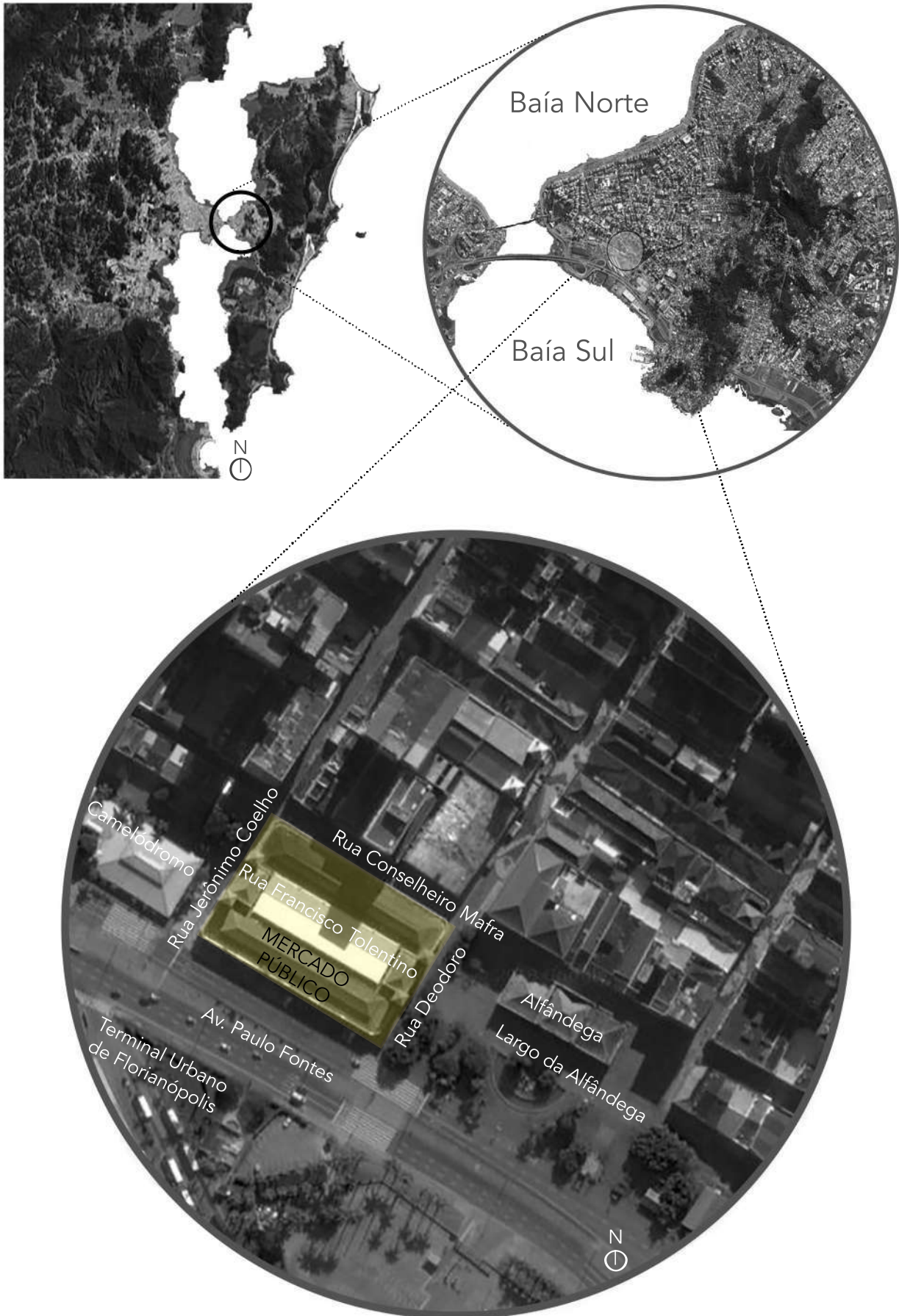
Por fim, a ideia era encontrar um espaço para sistematizar os conceitos demonstrando como esse processo de produção de não lugar acontece.

E por isso avalio o Mercado Público de Florianópolis e o seu entorno, por acreditar que o mesmo esteja em processo de se tornar um não lugar.

A seguir um breve histórico da ocupação do centro de Florianópolis, com foco na atual área do Mercado Público, pois acredito que minhas atuais percepções do espaço estão muito relacionadas às transformações que a área passou ao longo dos anos, na qual vivemos as consequência dessa história, principalmente sua última "revitalização" finalizada em 2016.

# TERRITÓRIO

O Mercado de Florianópolis localiza-se na área central da cidade, junto ao antigo bordo d'água, e é delimitado por quatro ruas: Rua Conselheiro Mafra ao Norte, Av. Paulo Fontes ao Sul, Rua Deodoro a Leste e Rua Jerônimo Coelho a Oeste, sendo atravessado pela Rua Francisco Tolentino no vão central.



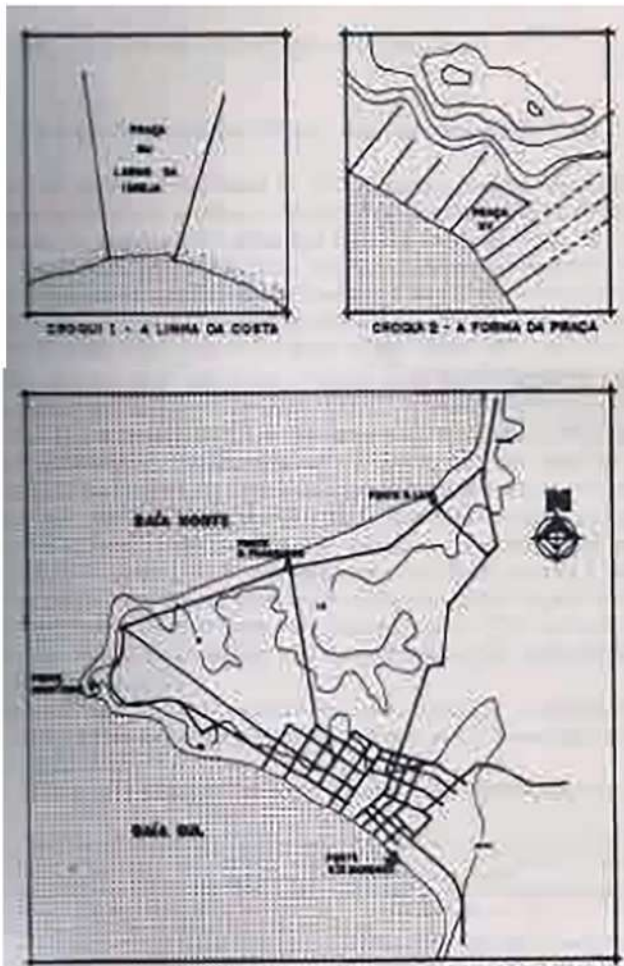
O início da colonização oficial portuguesa em Nossa Senhora do Desterro ocorreu em 1673 pelo bandeirante Francisco Dias Velho, e sua elevação à condição de Vila em 1726. Dias Velho deu início à construção da capela de Nossa Senhora do Desterro em 1678, sendo ali o início do primeiro núcleo de ocupação, direcionado pela proximidade com o continente, pelas posições das fontes d'água e atividades de pesca e agricultura de subsistência. O relevo também foi fator definidor do crescimento da vila, tendo, no começo, uma procura por parte dos imigrantes por áreas livres e menos acidentadas. Foi uma ocupação tipicamente linear, reforçando a linha de praia e sempre próxima e dependente do mar. "A maioria da população se concentrou na praia em frente a praça principal. Por vários anos, o modesto aglomerado urbano limitou-se a península do morro da Cruz para oeste, até a parte mais próxima ao continente" (MATTOS,2002,p.15). "Em 1823, Nossa Senhora do Desterro foi elevada ao posto de capital da província de Santa Catarina, passando a se destacar não só por ser o ponto de convergência das atividades administrativas, mas também em virtude de seu porto." (MATTOS,2002,p.15) "(...)justamente por ser parada de apoio para a exploração do interior do continente, na busca de conquistas de novos territórios pelos portugueses" (SILVA, 1999).

Entre 1748 e 1756, ocorreu uma grande corrente migratória de açorianos para a Ilha de Santa Catarina, que iniciou próximo ao porto, crescendo primeiramente para leste e, posteriormente, para oeste. Durante muito tempo, o mar foi a base da economia, de transporte e protagonista da história da cidade.

O mar desempenhou um papel real e simbólico para a Ilha de Santa Catarina. Fonte de alimento e defesa natural(...). Presenciou ainda o crescimento da população, as várias mudanças urbanas e a modernização dos hábitos e costumes. E, sobre suas águas, viu erguer-se a ponte Hercílio Luz. (MATTOS, 2002,p.14)

Inicialmente, os produtos vindos da região continental e das freguesias eram expostos na praia, sobre a areia, em frente à praça – largo fundador da cidade. Posteriormente, foram feitas bancas ao ar livre para a exposição das mercadorias, que ficavam localizadas na entrada da cidade, atual frente da Praça XV de Novembro. Os comerciantes forneciam para os moradores locais e também abasteciam os navios. Sob um discurso higienista e de ordem, as barracas foram demolidas. E em 1848, através de um decreto, o presidente da Província foi autorizado a edificar nas marinhas em frente à Igreja Matriz da Cidade do Desterro uma Praça de Mercado, onde depois viria a ser construída a Alfândega. As mudanças aconteciam escondendo uma disputa de controle social do espaço.





Croquis que demonstram o formato da praça em função da orla, dos relevos - Retirado do livro "Florianópolis - memória urbana", Eliane Veras da Veiga.



Planta topografica de Desterro 1876. Mapoteca do IPUF, retirado do livro "Florianópolis - memória urbana", Eliane Veras da Veiga

Planta da Cidade de Florianópolis. Mapoteca do IPUF, 1913 - retirado do livro "Florianópolis - memória urbana", Eliane Veras da Veiga



Em 1851 foi inaugurado o Mercado Público, concentrando a zona comercial próxima ao porto. Durante a segunda metade do século XIX, com a criação de um centro comercial mais demarcado na malha urbana, foi se tornando cada vez mais perceptível a distinção da área de ricos e de pobres. Formaram-se, dessa maneira, dois traçados bem diferentes, a oeste da praça XV, com ruas perpendiculares e paralelas ao largo, onde se concentraram os comerciantes e suas famílias, e a leste, com uma malha mais irregular, devido sua topografia acidentada, atual bairro da Pedreira.

Com características similares a outras cidades coloniais, Nossa Senhora do Desterro possuía uma praça central bem próxima ao mar, e ao redor tinham as principais edificações. Na parte sul, estava situado o Largo do Palácio, onde ficava o cais e fazia-se o embarque e desembarque de pessoas e produtos. (MATTOS, 2002, p.18)

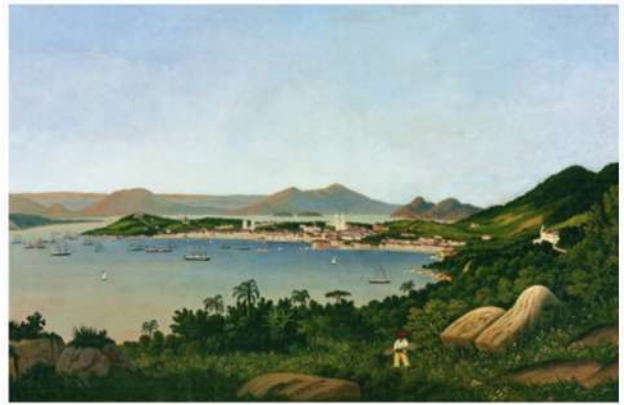
A orla marítima era até então lugar de encontro, atividades urbanas ligadas às trocas comerciais e lazer, além da chegada de pessoas e mercadorias. O porto representava um espaço público onde acontecia a representação da vida cotidiana ligada ao mar, lugar onde “aos olhos do visitante, o pitoresco do porto é acentuado pela mistura dos personagens e pela recapitulação das diferenças sociais”. SILVA (1996, op. cit. p. 27), conforme citado por Teixeira (2002. P.49)

SILVA (1996, op. cit. p. 27), conforme citado por Teixeira (2002. P.49), fala da existência de um regulamento interno do Mercado, com 74 artigos, que dispunha sobre a ordem sanitária do estabelecimento. Em um dos artigos ficava “proibida a reunião de escravos e execução de danças e jogos, como um “policimento dos costumes”.

Com a Proclamação da República, defendia-se a modernização do país. Na ilha também aconteceram reformas urbanas, medidas de embelezamento, higienização e saneamento. Leis e decretos foram instituídos, e tinham como referências as medidas sanitaristas de Pereira Passos no Rio de Janeiro. Em 1864, o Dr. João Ribeiro de Almeida publica um ensaio sobre salubridade onde discorre sobre as péssimas condições de higiene e conforto ambiental das casas, ruas e praças do Desterro.



Vista de Desterro, 1851. Oleo sobre tela, Victor Meirelles. Fonte: Acervo do Museu Victor Meirelles



Vista do Desterro, 1867. Joseph Bruggmann. Fonte: Gerlach, Gilberto, Desterro - Ilha de Santa Catarina



Aterro para construção da Ala Norte do Mercado Público. Ao fundo a antiga Alfândega, ano 1894. Foto: Casa da Memória de Florianópolis



Primeiro aterro construído em Florianópolis. Foto: Casa da Memória de Florianópolis



Construção da Ponte Hercílio Luz. Foto: Arquivo Deinfra



Vista aérea da cidade de Florianópolis com a Ponte Hercílio Luz. Foto: Casa da Memória de Florianópolis



Vista aérea da construção do aterro da Baía Sul. Foto: Casa da Memória de Florianópolis



Início das operações da Ponte Colombo Salles. Foto: Casa da Memória de Florianópolis

Em detrimento as medidas sanitaristas e de embelezamento da área central, foi feito em 1884 o aterro da praia da Boa Vista, que se estendia do Forte de Santa Bárbara até a Ladeira do Menino Deus. Sendo neste contexto que começaram os movimentos de retirada da população mais pobre da área central. Na orla foram feitos outros aterros, modificando sua paisagem e introduzindo nossos usos a terrenos que antes nem existiam.

A história dos primeiros locais de comércio de peixes e gêneros alimentícios no centro da então Vila de Desterro, atual Florianópolis, foram, por muito tempo, conflitantes com essa higiene e a ordem pública nos pontos onde estavam localizados. Dessa maneira, depois de 45 anos sendo utilizado, o Mercado foi demolido em 1899, deixando no lugar um largo, que foi embelezado com árvores que permaneceram até 1917, quando foram substituídas pela atual Praça Fernando Machado.

Assim, o atual Mercado Público foi construído em um novo local, ao lado da Alfândega, na atual Rua Conselheiro Mafra. Sendo construído em duas etapas: a primeira, entre 1896 e 1899, contava apenas com uma ala. O porto nessa época não era mais a única forma de saída da produção catarinense, fato agravado pela falta de profundidade do canal de acesso ao estreito, que impedia a atracação de embarcações mais modernas. Em 1902 a população de Florianópolis era de 32 mil e em 1920 era de 41 mil, verificando um crescimento significativo da população. Posteriormente, em 1912, a obra do Mercado Público foi complementada com rampas, galpões e uma cobertura que unia toda a extensão da face que ficava voltada para o mar. Somente, entre 1928 e 1931, é que foi construída sobre o aterro a segunda ala, bem como as torres, as pontes que as interligam e o vão central, para atender às exigências de um público cada vez maior. Assim o Mercado Público recebeu instalações exclusivas para açougues, venda de pescado (lado marítimo) e frutas e verduras (lado oposto). Todavia é na segunda metade do século XX, que os aterros vão modificar totalmente a paisagem da cidade e sua relação com a orla.

Com a inauguração do novo Mercado, um novo regulamento – Lei Municipal no 56 de 28/4/1989 – é editado. Nos artigos era evidente controle social, no que diz respeito às normas de conduta. Entre outras coisas, era “proibido qualquer tipo de jogo ou divertimento ruidoso, assim como a circulação e permanência de “ébrios e mendigos”” 179. Além de determinar quem poderia alugar os compartimentos – pessoas “de bons costumes”.

O surgimento do automóvel pedia uma solução para a travessia do estreito. Assim, a quinta maior ponte pênsil do mundo foi idealizada pelo governador Hercílio Pedro da Luz para evitar que Florianópolis perdesse a condição de capital de Santa Catarina, sendo inaugurada em 13 de maio de 1926. A ponte Hercílio Luz se tornou, assim, não somente uma via de comunicação, mas também um símbolo de modernidade.



O prédio do mercado velho, abaixo da Praça XV de Novembro, e os comerciantes em seu entorno. Esse Mercado Público foi construído em 1851 e demolido em 1896 devido a um incêndio.



A Ala Norte do Mercado Público de Florianópolis, em dia de movimento dos feirantes. Foto da década de 20.



Comerciantes na beira do antigo cais na década de 40. Foto: Casa da Memória Florianópolis



Vão central do Mercado Público de Florianópolis, década de 50 ou 60. Foto: Casa da Memória Florianópolis



Vista aérea do centro da cidade na década de 60, com o Mercado em primeiro plano. Foto: Casa da Memória Florianópolis



Vista do Mercado em 1973, quando ainda havia tráfego de automóveis pela Ala Central do Mercado. Foto: Casa da Memória.



Pessoas ocupando o mercado público durante a campanha eleitoral de 2010. 31.07.2010. Fotógrafo: Sérgio Vignes/Tempo Editorial.



Vista do vão central com Feira de artesanato e das torres do Mercado Público de Florianópolis. 13/03/2012. Fotógrafo: Sérgio Vignes/Tempo Editorial.

Com a ponte, o desenho das ruas e a paisagem da cidade mudaram completamente. A atividade comercial-portuária nas décadas seguintes à construção da ponte entrou em declínio. De cidade de porto intermediário, Florianópolis se transformou em consumidora de produtos que chegavam cada vez mais por via terrestre. Nessa fase, foram executadas grandes e novas obras de infraestrutura viária. Nos anos de 1970 é feito outro grande aterro na Baía Sul, por conta da grande expansão urbana da capital na época e como parte de um novo sistema viário. Assim, ocupam esse novo território, rodovias que unem através da nova ponte Colombo Sales a ilha ao continente.

Para desafogar o tráfego urbano de Florianópolis, era preciso expulsar o mar para longe e construir, em toda a extensão da Baía Sul, um aterro de seis quilômetros quadrados, nos moldes do aterro carioca do Flamengo. Ele serviria para a implantação de avenidas de escoamento para a ponte em construção e para as futuras pontes, além de fazer conexão com a Avenida Beira-mar Norte.(MATTOS,2002,p.85)

A construção desses aterros remodelou totalmente a paisagem de acesso a ilha e eliminou a relação do centro urbano com o mar, causando uma ruptura no traçado urbano tradicional e natural. O miramar e o atracadouro do Mercado Público perderam o seu sentido de existência. Todos os aterros desde o primeiro até o último, tinham projetos que previam a comercialização para uso privado de área pública, como é bastante visível hoje com edificações para fins privados.

Na década de 1980 ocorreu o fechamento do vão central ao tráfego de automóveis. O seu vão central por muitos anos se constituiu como uma via urbana da orla marítima, sendo uma importante passagem e ligação entre a ponte Hercílio Luz e a Rodoviária da cidade. Alterações espaciais como o uso do vão central apenas circulação de pedestres aconteceram e mudaram a dinâmica do espaço e da cidade.

Entre 1983 e 1988 aconteceu uma grande restauração, mas nada alterou visivelmente a edificação do Mercado Público. No ano de 2005 a ala norte sofreu um incêndio e teve que ser reconstruída. Em 2013, o Mercado Público fechou para obras de revitalização, onde primeiramente, as obras começaram na ala norte. No dia 02 de junho de 2014 esta ala foi reinaugurada, com 61 dos 79 boxes vazios.

Na história, os mercados são extremamente significativos para as cidades e suas populações. Principalmente as cidades brasileiras litorâneas tem em seus Mercados, verdadeiros signos urbanos de sua identidade. Visto que são espaços de vendas de produtos típicos da área com sua própria cultura. Além de ser um espaço público com trocas de experiências e convívio de pessoas de diferentes lugares e classes econômicas. Da mesma maneira, o Mercado Público de Florianópolis continuava de modo geral mantendo suas funções **originais**, como abastecimento alimentar e ainda sendo comum acontecerem manifestações artísticas, discussão de conflitos urbanos e o cotidiano da cidade ou seja, um espaço democrático.

Apesar do afastamento em relação ao mar, criação de novas centralidades, com a conseqüente decadência do Centro Histórico como único local de compras e a concorrência dos supermercados.

Desde 1931 não tinham acontecidos mais grandes alterações na forma arquitetônica externa do Mercado. Até que em 2016, promovido pelo Instituto de Planejamento Urbano (IPUF), em parceria com o Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB - SC), aconteceu o Concurso Nacional para a Cobertura do Vão Central do Mercado Público. O projeto vencedor foi realizado e conta com uma cobertura composta por uma estrutura metálica automatizada, revestida com uma membrana feita de tecido de fios de poliéster, recoberto por uma **massa** de polímeros com PVC. Segundo a Prefeitura Municipal de Florianópolis, a cobertura custou, pelo menos, R\$ 4,2 milhões.

A cidade se expande em quase todas as direções da Ilha. Acontecem demolição de prédios históricos, que dão lugar a edifícios altos. O centro se torna quase completamente de uso comercial e serviços sendo bastante ocupado no período diurno e abandonado à noite e fins de semana.

“Quando reinauguramos o Mercado muita gente falou que ele ficou eletizado. Higiene, limpeza e melhorias não é chiqueza. E hoje chegou esse grande dia. O mundo inteiro pega lugares históricos e dá áres modernos. É moderna, sim. E tem coisas para todos os gostos, o Mercado é democrático e tem a cara de nossa cidade”, disse o Prefeito Cesar Souza Júnior.

Reportagem de Viviane de Genova – ND 01/07/2016;Disponível em:

<https://ndonline.com.br/florianopolis/noticias/video-prefeito-cesar-souza-junior-inaugura-cobertura-retratil-do-mercado-publico>



Prefeito Cesar Souza Júnior inaugurando a cobertura do vão central do Mercado público no dia 01/07/2016



EDIFICAÇÕES TOMBADAS (P1)  
BORDA D'ÁGUA ORIGINAL

MERCADO PÚBLICO DE  
FLORIANÓPOLIS - 1851



EDIFICAÇÕES TOMBADAS (P1)  
BORDA D'ÁGUA ORIGINAL

MERCADO PÚBLICO DE  
FLORIANÓPOLIS - 1898



EDIFICAÇÕES TOMBADAS (P1)  
EDIFICAÇÕES TOMBADAS (P2)  
-- BORDA D'ÁGUA ORIGINAL  
CONJUNTO I - CENTRO HISTÓRICO

MERCADO PÚBLICO DE  
FLORIANÓPOLIS - 2012



# PATRIMÔNIO

O conceito de patrimônio urbano como temos hoje, se desenvolve, principalmente de Gustavo Giovannoni, engenheiro italiano que, junto com Giorgio Nicodemi, leva ao IV Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM) em Atenas, o debate sobre a preservação e conservação do espaço urbano e suas simbologias.

Até então eram considerados patrimônios dignos de serem conservados apenas os monumentos e seu entorno imediato. Giovannoni e Nicodemi foram os precursores italianos no que tange a preservação da cidade e seu espaço.

Foi somente na década de 60 que essa visão ganha abrangência internacional, sendo efetivamente publicada na Declaração de Amsterdã em 1975.

Foi a partir da Carta de Atenas, que houve uma ruptura com os ideais urbanos modernistas e funcionalistas, fazendo ressurgir teorias urbanas que pensam a cidade a partir de um caráter mais humano.

O declínio desse modelo urbanístico, alavancada pela crise do espaço público, pelas preocupações ambientais e patrimoniais e pela exclusão social conduz a uma nova prática de planejamento urbano a partir da década de 80. Fazer revitalizações de áreas já urbanizadas que se encontram em estado de degradação ou sob pretextos de que esses locais já perderam suas funções produtivas e se mostram a margem do circuito econômico ou então sob pretextos de embelezamento, sob uma lógica de espetacularização da cidade.

O tombamento é o meio legislativo de garantir a preservação de patrimônios materiais e imateriais e pode ser feito pela administração federal, estadual e municipal. Todavia, sem a participação popular e a apropriação do bem tomado, o patrimônio perde seu significado.

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) é uma autarquia federal vinculada ao Ministério da Cultura que responde pela preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro. O Iphan protege e promove os bens culturais do País, assegurando sua permanência e aproveitamento para as gerações presentes e futuras.

O Mercado Público de Florianópolis é tombado individualmente pelo Decreto nº 035/84 de 20.03.1984, parte integrante dos conjuntos tombados pelo Decreto nº 270/86, classificado como P1 pelo Decreto Municipal nº 521/89 e segundo Lei Complementar nº 001/97 está inserido em APC-1 (Área de Preservação Cultural – Conjunto I Área Central), devendo ser totalmente preservado, tanto nas suas características internas como externas.



- AVL - ÁREAS VERDES DE LAZER
- ACI - ÁREA COMUNITÁRIA INSTITUCIONAL
- AMC - ÁREA MISTA CENTRAL
- APC - ÁREA DE PRESERVAÇÃO CULTURAL

PLANO DIRETOR 2018  
 Fonte: Geoprocessamento IPUF



SITUAÇÃO ATUAL 2018  
 Fonte: Google maps

# REVITALIZAÇÃO

“As políticas contemporâneas de “revitalização” do patrimônio retomam, em outro contexto e com outras perspectivas, o princípio social higienizador de Haussmann, para adequar as cidades às demandas e aos fluxos internacionais de turismo e consumo urbano. Esses processos atuais, longe das ideias haussmannianas de criar uma imagem moderna da Paris do século XIX, voltam-se hoje a formas de reapropriação cultural das imagens das cidades, objetivando – na maioria das vezes – recriar sentidos e usos dos conteúdos e materiais do passado (...)” (LEITE, 2001)

Assim, como no restante do país, Florianópolis seguiu e segue essa tendência em busca de uma nova imagem de cidade, através de “revitalizações” principalmente no Centro Histórico da cidade. As reformas acontecem desde a criação dos Aterro da Baía Sul, na década de 70, que desconectou a cidade do mar até a última “revitalização” do Mercado Público em 2015.

As “revitalizações” urbanas funcionam como empreendimentos que transformam espacialmente uma área e a transformam em área de investimentos públicos e privados. No caso do Mercado Público fazendo até do patrimônio um segmento do mercado, especialmente voltado ao turismo. Transformando o lugar onde passam a frequentar pessoas que nunca antes havia frequentado o antigo Mercado, trazendo um contraste, com o entorno e o restante do Centro.

Muitas reformas urbanas usam o termo “revitalização” para designar sua ação na cidade. A palavra revitalização segundo o dicionário indica “ação, processo ou efeito de revitalizar, de dar nova vida a alguém ou a algo.” Ou seja, as intervenções pretendem trazer vida para o lugar. Todavia, muitos desses espaços onde são realizadas as reformas já possuem vida. Já possuem ações, usos e pessoas que se apropriem do lugar. Isto é, esse termo enfatiza a presença de uma política de espetacularização e principalmente de gentrificação. Uma vez que existe uma desapropriação de grupos e uma reapropriação de outros grupos de pessoas, através das relações econômicas de consumo e controle do espaço, trazendo na realidade “outras vidas” a um lugar que já tinham “vidas”.

## Revitalização

substantivo feminino

1. ação, processo ou efeito de revitalizar, de dar nova vida a alguém ou a algo.

2. série de ações mais ou menos planejadas, ger. provenientes de um grupo, comunidade etc., que buscam dar novo vigor, nova vida a alguma coisa.

(Fonte: <https://www.dicio.com.br/revitalizacao/>)

# ESPACIALIZAÇÃO

O centro histórico de Florianópolis traz consigo uma importância histórica, com um conjunto arquitetônico de significativo valor patrimonial, mas que ao longo do tempo sofreu inúmeras transformações, de acordo com as necessidades e interesses de cada época. A evolução da paisagem construída se fez de forma progressiva ao longo dos anos. Assim, vemos algumas constantes se repetindo ano após ano, em que existe a tentativa de transformar o centro histórico em metrópole moderna, sob pretextos de que esses locais já perderam suas funções produtivas e se mostram a margem do circuito econômico ou então sob pretextos de embelezamento, com uma lógica de espetacularização da cidade, devido a competitividade urbana entre cidades em um cenário nacional e internacional. De modo que principalmente os interesses políticos e setores do capital tem feito desaparecer os últimos vestígios de identidade cultural e tradições da cidade, por vezes, fragmentando e desfigurando o território urbano. Além de não tocar a fundo os reais problemas urbanos. Essas transformações que a cidade de Florianópolis, assim como o centro histórico, e mais especificamente o Mercado Público e o seu entorno sofreram, têm íntima relação com a nossa prática profissional, enquanto arquitetos e urbanistas. Pois, o urbanismo como disciplina surge com a intenção de redesenhar a cidade.

Os projetos propostos para Florianópolis, desde a criação do Aterro da Baía Sul, na década de 70, que desconectou a cidade do mar e de suas tradições enquanto cidade litorânea açoriana, ou em 1969, quando acontece um zoneamento funcional, negam a cidade tradicional, fazendo surgir uma cidade de forte apelo funcionalista, e enfraquecem sua identidade e seu caráter simbólico de ser uma ilha, ter uma orla e atividades ligadas ao mar.

Desde o final do século XX, o turismo passa a ser a principal atividade econômica da cidade, servindo como condição para valorização cenográfica do Centro Histórico. Exemplos disso são as recentes intervenções e "revitalizações" no Mercado Público, como a cobertura do vão central, onde esses projetos tiveram por objetivo transformar o centro urbano em receptáculo de turistas e de investimentos.

Do pensamento estético ao higienista, essas ações constroem e determinam os espaços. Como consequência, de modo geral, temos uma homogeneização do tecido urbano, que encobre as memórias que essas áreas formaram ao longo do tempo, como a proximidade do mar; A redução da experiência física no espaço é causada pela falta de diversidades de pessoas, pela falta de apropriação do espaço, pela carência de relações entre os indivíduos e o lugar, além de ser também resultado da segregação sócio-espacial.

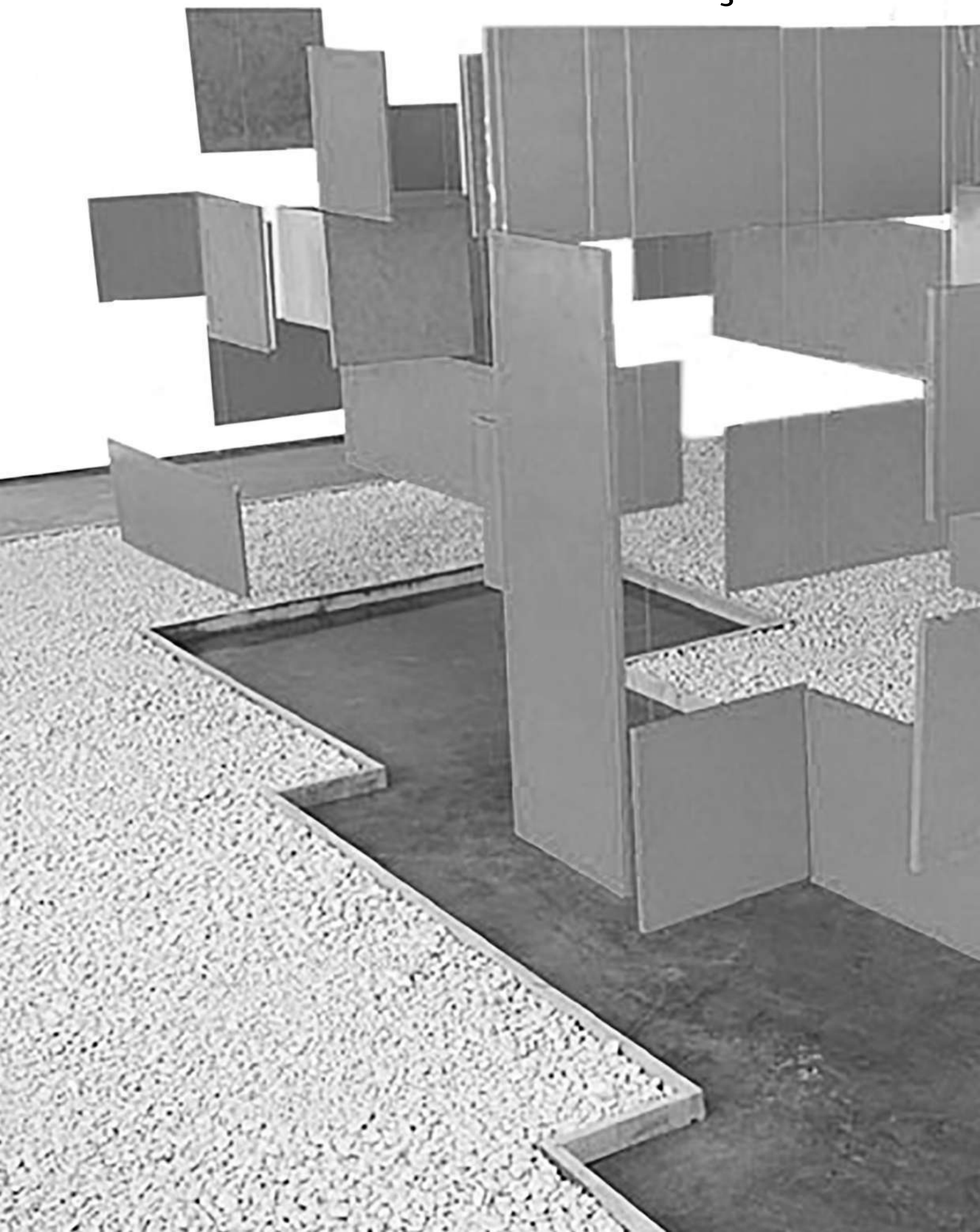
Avalio o Mercado Público de Florianópolis e o seu entorno, por acreditar que o mesmo esteja em processo de se tornar um não lugar. No contexto da atual sociedade consumista contemporânea, entendo que as mudanças ocorridas no Mercado e seu entorno, como seu último projeto de revitalização geram a mercantilização da cidade contemporânea, contribuem para uma higienização espacial e social. O atual Mercado Público possui elementos que aparecem como genéricos e homogeneizadores. E que impõem normas e padrões “estranhos” ao lugar, fragmentando e desfigurando o território e caracterizando uma perda de relação subjetiva com o espaço. Assim, entendo os não lugares como bolhas, um sistema a parte, onde nada se relaciona com o seu redor, mas ao mesmo tempo se relaciona consigo mesmo.

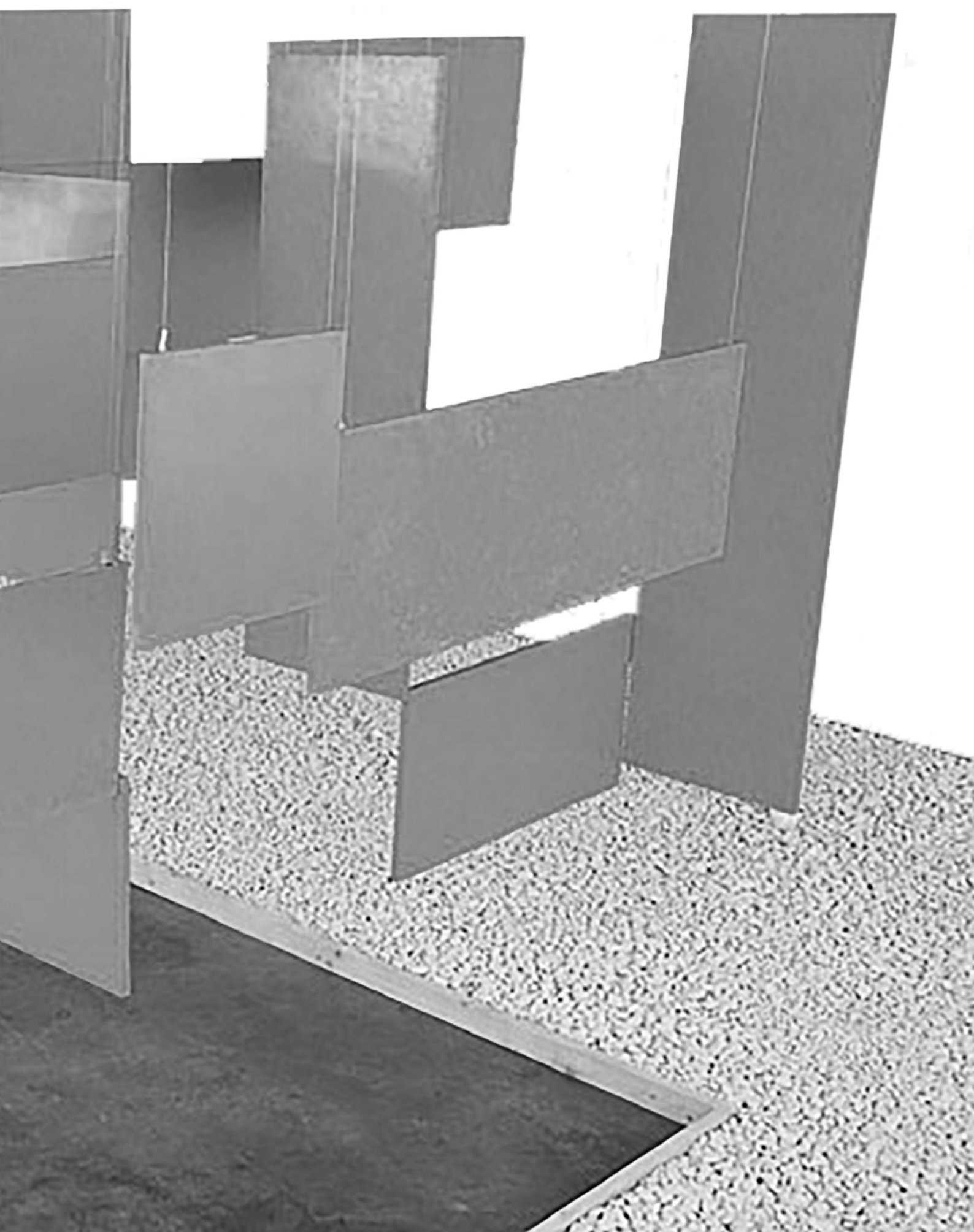
Por outro lado, ainda existem alguns elementos que caracterizam resistência a esse processo e representam as singularidades produzidas no território, com caráter relacional, identitário e histórico. De modo geral o Centro Histórico e seus espaços públicos trazem essa oposição como lugar antropológico, onde se dão experiências existenciais diferenciadas. O aspecto relacional acontece pelas inúmeras trocas e pela pluralidade de pessoas e grupos sociais. É identitário porque é reconhecido e diferenciado de outros lugares por quem o frequenta, sendo culturalmente distinto. E se tratando ainda de um espaço urbano identitário e histórico, faz parte, portanto, da memória coletiva da cidade.

Acredito que as mudanças ocorridas no espaço do Mercado, como seu último projeto de revitalização - finalizado em 2016 - buscava intensificar a formação de uma imagem de cidade cujo patrimônio histórico é valorizado, mas principalmente uma imagem de cidade limpa, organizada e cheia de tradições. Entretanto, não é isso que acontece, pois projetos como esse geram a mercantilização das cidades contemporâneas, cidades da passividade dos corpos, já que as corporeidades perdem sua expressão singular e seu poder de ação.

Este trabalho propõe uma leitura da cidade a partir da sistematização do conceito de não lugar. De modo a investigar e apontar o processo de espetacularização e mudanças que acontecem na cidade contemporânea de modo geral e como ela se apresenta no Mercado Público atualmente. E assim, a ideia é estimular um outro olhar e um pensamento crítico sobre o espaço.

# COMPREENSÃO E AÇÃO





# COMPREENSÃO E AÇÃO

Uma coisa que tenho claro desde o início desse processo é que ele teria que fazer sentido para mim. Sempre estive aberta para possibilidades onde seja um projeto arquitetônico, um desenho urbano ou uma intervenção; o “resultado” dessa investigação teria que fazer sentido com tudo que escrevi, estudei, vivenciei e acredito.

Sendo assim, comecei a pensar primeiramente de forma simples no que eu não queria fazer. Não quero ir contra aquilo que eu acredito que seja ser uma arquiteta e urbanista e não quero impor algo a ninguém.

Não acredito que eu possa mudar uma cidade ou o mundo todo. Seria muita pretensão. Como estudante, como mulher, moradora de Florianópolis, frequentadora do centro da cidade e futura arquiteta e urbanista, eu posso tentar criar possibilidades de questionamento sobre a dimensão artística, social e política na construção, representação e experiência da cidade contemporânea. Da mesma maneira que eu mesma comecei a me questionar e tomar consciência das transformações, que surgem de forma aparentemente “natural” na cidade. Então ser arquiteta e urbanista pra mim é poder estourar uma bolha em meio a tantas, é despertar a curiosidade de algum outro, é parar e se questionar, é ter um olhar sensível e talvez cativar um outro a olhar para a cidade de modo diferente. Assim, baseio-me na suposição de que meu trabalho pode deixar marcas permanentes em alguém e não necessariamente marcas físicas na cidade.

Intervir

verbo

1.transitivo indireto e intransitivo

ingerir-se (em matéria, questão etc.), visando influir sobre seu desenvolvimento; interferir; interceder.

2.transitivo indireto e intransitivo

interpor autoridade, usar de poder de controle (sobre).

O próprio verbo Intervir define um autoritarismo, um poder que eu não concordo que precisa existir em meu trabalho. Dessa maneira, fazer uma intervenção\ imposição de verdades, de pensamentos meus, estaria contra o meu próprio trabalho até então; Uma vez que, eu analiso os não lugares como imposições feitas por “alguém” que tem um olhar distante, que se preocupa com interesses únicos de seu grupo e que não entende a dinâmica do espaço. Mais que isso, a imposição estaria intensificando a transformação do lugar antropológico em um não lugar, fazendo perder seu caráter identitário, históricos e relacional.

Acredito na ação como uma prática crítica e como “dispositivo” estético e político, uma vez que pode representar resistência, insurgência e questionamento.





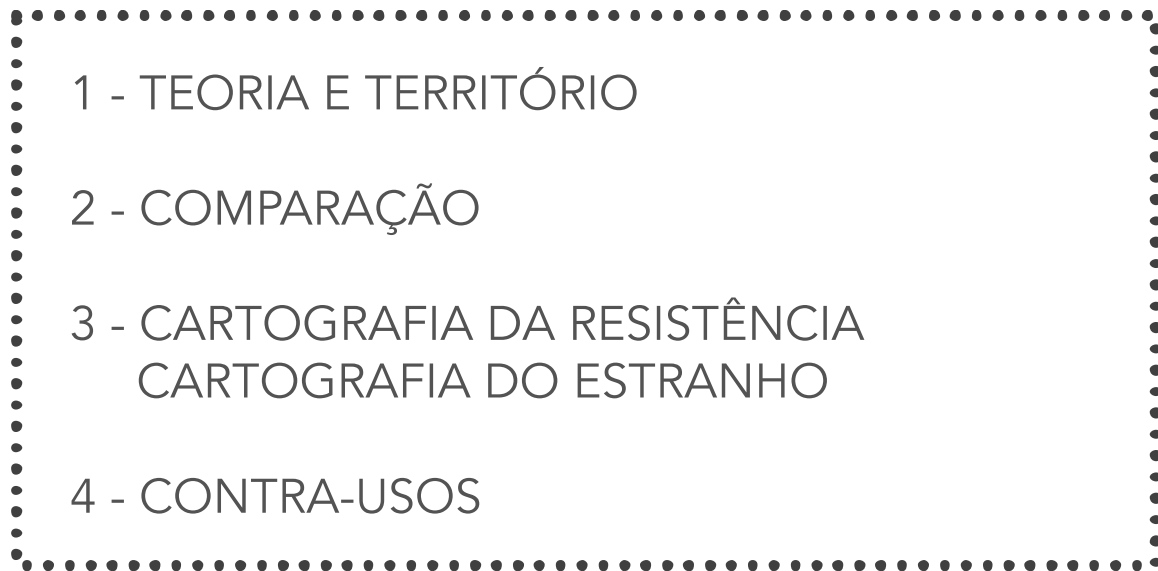
Intervenção com guarda-chuvas nas ruas de Águeda em Portugal.

Intervenção Militar em favela no Rio de Janeiro. Disponível: <https://voyager1.net/-sociedade/estado-minimo-e-intervencao-militar-nas-favelas/>. 20/04/2017.



# PROCESSO

De maneira prática o processo pode ser dividido em quatro momentos:

- 
- 1 - TEORIA E TERRITÓRIO
  - 2 - COMPARAÇÃO
  - 3 - CARTOGRAFIA DA RESISTÊNCIA  
CARTOGRAFIA DO ESTRANHO
  - 4 - CONTRA-USOS

## 1 - TEORIA E TERRITÓRIO

Leituras envolvendo os conceitos anteriormente citados, como espaço, lugar antropológico, não lugar, espetacularização entre outros me permitiram entender-los e relacioná-los ao contexto da “supermodernidade”, onde a dinâmica urbana é constante.

A pesquisa histórica do Centro Histórico de Florianópolis em acervos de fotos antigas, com bastante destaque ao Mercado me fez perceber a importância histórica e o valor patrimonial da área. Além de melhor entender as inúmeras transformações que ocorreram, de acordo com as necessidades e interesses de cada época.

Juntamente a teoria, a prática urbana, ou seja, minha própria experiência física com o espaço foi importante para reconhecer as ações, os atores, as memórias, os diferentes sentidos, e todas as possibilidades e complexidades do cotidiano.

Deixando claro, que a teoria e prática apesar de envolverem todos os momentos do trabalho, foram primordiais para compor os próximos três momentos do processo.

## 2 - COMPARAÇÃO

### INTENÇÃO

Uma vez que eu tenho a base teórica do conceito de não lugar e a prática na cidade, tanto em não lugares quanto em lugares antropológicos, proponho uma comparação entre o Mercado Público e não lugares.

A ideia é relacionar e apontar os aspectos comuns entre eles, para demonstrar a similaridade e principalmente expor o processo que o Mercado se encontra de se tornar um não lugar.

### MODO

E como o próprio título do trabalho aponta, pretendo mostrar os reflexos da cidade contemporânea no Mercado Público.

Relacionar e apontar os aspectos comuns entre os não lugares e o Mercado Público e para isso, faço colagens com fotografias sobrepondo os dois espaços.

# COMPARAÇÃO 01

Acervo pessoal. Vão central Mercado Público de Florianópolis 2018



Praça de alimentação Shopping Iguatemi 2017



# COMPARAÇÃO 01

Sob argumentação de dificuldade de manter a higiene do local, caminhar e usufruir do espaço aconteceram várias mudanças na pavimentação do Mercado. Houve a substituição do piso de paralelepípedo por outro piso na área central com justificativa que o mesmo cria maior estabilidade para mesas e cadeiras, a adição de iluminação de piso e nivelamento e realinhamento nas áreas onde tem paralelepípedo, e assim fazendo perder suas características originais.

As mudanças aconteceram apesar do piso ser também parte integrante do espaço público e do monumento tombado.

O piso caracterizava uma continuação do espaço da rua e entorno para dentro do vão enfatizando o caráter público do espaço. O piso antigo era versátil e flexível sendo usado muito em praças como no largo da Alfândega.

Atualmente, além da configuração espacial ser rígida, a materialidade do mobiliário atual do vão central é totalmente diferente do antigo. Antes da última revitalização o espaço não tinha nada fixo, era livre e amplo. E as mesas e cadeiras que eram eventualmente usadas, eram dispostas de forma sempre diferentes, podendo mudá-las a qualquer momento. Eram mesas e cadeiras de plástico de um representante de cerveja, sendo bastante informais, compondo o espaço de forma livre. Hoje, as mesas se encontram tão próximas umas das outras e a área de estar é tão cheia de mesas que seriam impossível movê-las de lugar, ou seja, sem flexibilidade.

Do mesmo modo, as praças de alimentação dos shopping centers possuem uma configuração espacial rígida, uma vez que suas mesas e algumas cadeiras são fixas no piso e outras cadeiras pesadas para locomover-las. E as mesas são extremamente próximas umas das outras, no qual o fluxo entre elas se torna bastante dificultoso.

Vão central Mercado Público de Florianópolis 2010. Fonte desconhecida





EMPÓRIO DE QUEIROZ  
BOX 09 N

BOX 10 N

PROIBIDO  
FUMAR  
NÃO SE  
DEBE  
BEBER  
ALCOHOL  
NÃO SE  
DEBE  
FUMAR

Menu  
Café da Manhã  
Café da Tarde  
Almoço  
Jantar  
Doce de Leite  
Bolo de Mel  
Cupcake  
Torta de Doce de Leite  
Torta de Bolo de Mel  
Torta de Cupcake  
Torta de Doce de Leite  
Torta de Bolo de Mel  
Torta de Cupcake

Menu  
Café da Manhã  
Café da Tarde  
Almoço  
Jantar  
Doce de Leite  
Bolo de Mel  
Cupcake  
Torta de Doce de Leite  
Torta de Bolo de Mel  
Torta de Cupcake

Menu  
Café da Manhã  
Café da Tarde  
Almoço  
Jantar  
Doce de Leite  
Bolo de Mel  
Cupcake  
Torta de Doce de Leite  
Torta de Bolo de Mel  
Torta de Cupcake

Menu  
Café da Manhã  
Café da Tarde  
Almoço  
Jantar  
Doce de Leite  
Bolo de Mel  
Cupcake  
Torta de Doce de Leite  
Torta de Bolo de Mel  
Torta de Cupcake

Menu  
Café da Manhã  
Café da Tarde  
Almoço  
Jantar  
Doce de Leite  
Bolo de Mel  
Cupcake  
Torta de Doce de Leite  
Torta de Bolo de Mel  
Torta de Cupcake

Menu  
Café da Manhã  
Café da Tarde  
Almoço  
Jantar  
Doce de Leite  
Bolo de Mel  
Cupcake  
Torta de Doce de Leite  
Torta de Bolo de Mel  
Torta de Cupcake

Menu  
Café da Manhã  
Café da Tarde  
Almoço  
Jantar  
Doce de Leite  
Bolo de Mel  
Cupcake  
Torta de Doce de Leite  
Torta de Bolo de Mel  
Torta de Cupcake

Menu  
Café da Manhã  
Café da Tarde  
Almoço  
Jantar  
Doce de Leite  
Bolo de Mel  
Cupcake  
Torta de Doce de Leite  
Torta de Bolo de Mel  
Torta de Cupcake

Menu  
Café da Manhã  
Café da Tarde  
Almoço  
Jantar  
Doce de Leite  
Bolo de Mel  
Cupcake  
Torta de Doce de Leite  
Torta de Bolo de Mel  
Torta de Cupcake



# COMPARAÇÃO 02

Acervo pessoal. Vão central Mercado Público de Florianópolis 2018



Acervo pessoal. Praça de alimentação Beiramar Shopping 2018





## COMPARAÇÃO 02

A configuração espacial atual do vão central acontece seguindo uma coerência de uso voltado aos restaurantes. Portanto, ancorados na lógica do caminhar, parar e consumir, por induzir um caminhar próximo aos restaurantes para que se tenha um consumo.

O vão central é composto por mesas e cadeiras dispostas na área central, formando uma área de estar fixa e consequentemente uma circulação restrita.

Os shopping centers são homogeneizados também por uma configuração espacial rígida, uma vez que suas mesas e algumas cadeiras são fixas no piso. Além disso, as mesas são extremamente próximas umas das outras, no qual o fluxo entre elas se torna bastante dificultoso.

Dessa forma, tanto no shopping quanto no vão central a circulação e disposição do mobiliário são pensados para obedecer a um fluxo de compras possíveis, com a circulação predominantemente próximas aos restaurantes.

Vão central Mercado Público de Florianópolis 2009 Fonte: Fernandodall-acqua





MAREJADA-CAMARÃO  
DE FRUTOS NA  
DO MAR MORANGA

RANCHO ILFA  
Café Especial

BOX

MOQUECA  
DE T...  
GHAP  
DE POLV...



# COMPARAÇÃO 03

Acervo pessoal. Vão central Mercado Público de Florianópolis 2018



Acervo pessoal. Praça de alimentação Beiramar Shopping 2018



## COMPARAÇÃO 03

Com evoluções tecnológicas na produção e o processo de urbanização crescente, surgem os supermercados, uma nova forma de comércio e atendimento, ocupando o espaço do Mercado Público, das feiras de rua, tiravam a exclusividade no fornecimento de gêneros alimentícios. Tudo é intensificado com os shopping-centers na cidade, nos anos 1980, que revolucionam o comprar, com um espaço com ingresso controlado socialmente e não mais público. Dessa maneira, mudam alguns tipos de comércio e junto o perfil dos comerciantes que procuram se adequar a modernidade.

Em 2015, depois da revitalização da ala sul, novos 46 permissionários passam a integrar junto aos 58 antigos pelos próximos 30 anos de concessão os bons do Mercado, sendo 104 permissionários no total.

Embora algumas atividades e comércios permanecem com elementos culturais locais ou regionais, que denotam a singularidade da cidade, como a cultura açoriana ou legados indígenas, outros são totalmente descontextualizados culturalmente. O maior exemplo hoje é a cadeia de fast-food Bob's que ocupa um dos boxes do vão central do Mercado.

É perceptível uma importação de valores, costumes e cultura, intensificada com globalização.

Como consequência dessa homogeneização e padronização dos novos comércios, o processo de reconhecimento por parte da população se torna instável pela gradual homogeneização do centro urbano através da redução dos símbolos identitários, como o Mercado enquanto edifício e principalmente as comidas tradicionais e típicas, que fazem parte dos valores locais da história da cidade.

Comércio no Mercado 17/03/2009. Fotógrafo:Sérgio Vignes. Fonte:Tempo Editorial











### 3 - CARTOGRAFIA DA RESISTÊNCIA E CARTOGRAFIA DO ESTRANHO

#### INTENÇÃO

Pretendo com as cartografias propor uma leitura do espaço a partir da sistematização do conceito de não lugar de modo a apontar o processo de espetacularização e mudanças que acontecem e se apresentam no Mercado Público atualmente, assim como apontar o que ainda permanece de *lugar* no espaço.

As cartografias se entrelaçam formando um conjunto de observações que estruturam o processo de transformação do lugar ao não lugar.

#### MODO

Decido subdividir em duas cartografias:

Cartografia da resistência: Destaco elementos que já foram perdidos nesse processo ou que ainda são remanescentes como identitário, relacional e histórico e que caracterizam a cotidianidade do morador da cidade, como lugar antropológico;

Cartografia do estranho: Destaco elementos estranhos ao lugar, fragmentando e desfigurando o território, onde o processo de não lugar se faz visível.

Através de recortes em fotografias, aponto os elementos em destaque com cores distintas: cor vermelha, a cartografia da resistência e cor amarela, a cartografia do estranho. Para complementar as imagens, uso relatos antigos e presentes, o edital do concurso da Cobertura do vão central, o regulamento do Mercado Público e outros.

\*\*As fotografias sem identificação foram tiradas por mim.



Construção cobertura vão central 2016

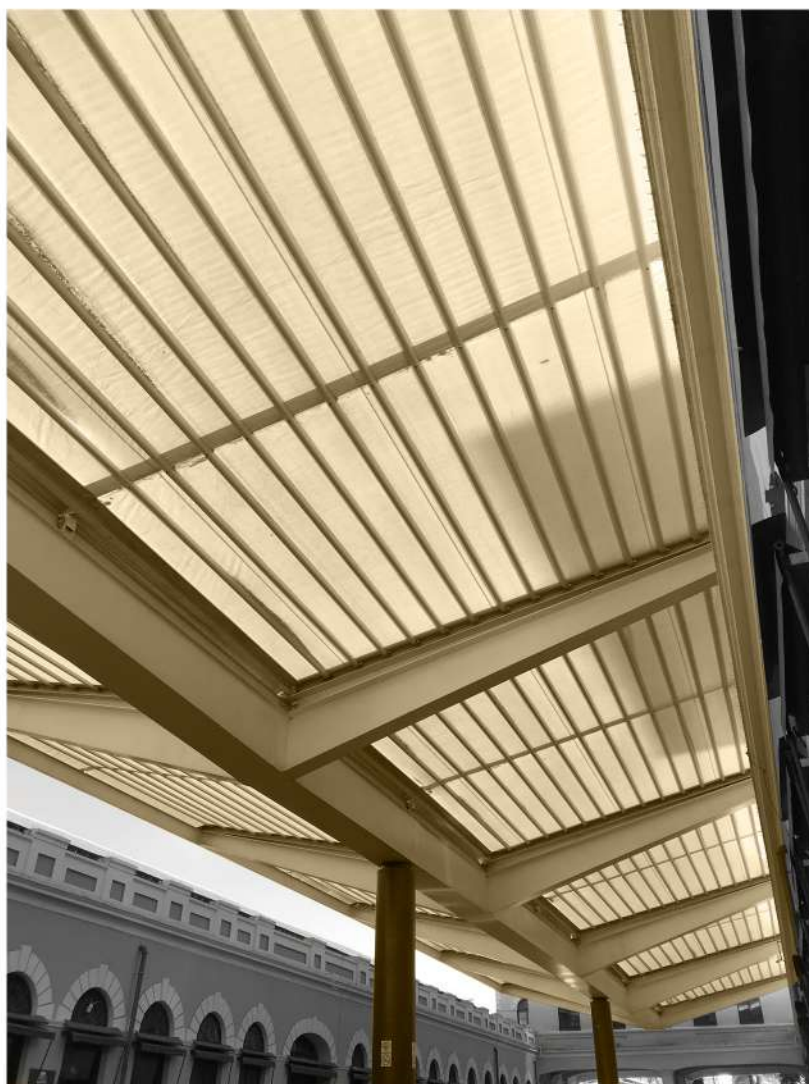


A escala dentro do vão central foi totalmente alterada com a nova cobertura. Antes sem nada, tinha o céu como limite e o edifício ganhava notoriedade.

O patrimônio se esconde atrás da estrutura da cobertura.



Mercado Público de Florianópolis 2018



A extravagância da escala aqui é usada como pretexto para que a cobertura seja permanente. Sob argumentação que a estrutura não reflete o caráter provisório e de integração com o edifício que devia ter e dos altos custos para a realização da obra, que custou R\$ 4,2 milhões à prefeitura. Sendo que de acordo com o edital do Concurso Nacional de Estudos Preliminares de Arquitetura para a Cobertura do Vão central do Mercado Público de Florianópolis, no parágrafo das diretrizes do projeto fica claro que foi solicitado que a cobertura deveria ser translúcida, retrátil e provisória.

“A cobertura do vão central do Mercado Público de Florianópolis será equipamento de caráter transitório, que deverá ater-se ao conceito de reversibilidade, sendo livre a proposição de materiais construtivos, tanto estruturais quanto de vedação, obedecidas as diretrizes seguintes:

- I – ser translúcida, permitindo vislumbrar o céu diurno e o noturno;
- II – ser retrátil, permitindo a vedação do bem apenas quando acionado comando próprio;
- (...)
- VI – integrar-se visualmente ao bem tombado.”



Mercado Público de Florianópolis 2018



A cobertura apesar de ser em lona clara, possui uma estrutura com duas grandes colunas robustas e vigas de aparência superdimensionadas. Principalmente as colunas por serem mais próximas do observador chamam atenção por serem fora de escala.

Hoje ao passar por debaixo das passarelas das torres, o impacto visual é muito grande. A sensação é que o espaço diminuiu de tamanho, obviamente pela adição do plano horizontal tão próximo, tirando o protagonismo do Mercado e desrespeitando o patrimônio público.



Mercado Público de Florianópolis 2017

Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/872568/cobertura-mercado-publico-de-florianopolis-aleph-zer>





No trecho seguinte do edital, nas especificações do projeto do vão central é perceptível a contradição do que foi proposto para os candidatos e posterior aprovação e o que realmente foi executado e acontece atualmente no espaço.

“A proposta tem como premissa inserir-se sutil e contemporaneamente na paisagem, através de um desenho simples, legível e de baixo impacto, minimalista, que possa permitir sua vivacidade tão própria.”

A escala da cobertura ainda abrange um desrespeito ao patrimônio público, apesar de a nova estrutura não encostar no prédio histórico.

A escala monumental e esteticamente moderna caracterizam o projeto como um exemplo de produção contemporânea dentro da lógica espetacular e do não lugar. Ou seja, criar uma imagem sólida e grandiosa para representar a cidade, transformando o patrimônio histórico em mercadoria.



Mercado Público de Florianópolis 2018



A cobertura apesar de ter sido feita para ser retrátil nunca é aberta.  
É parcialmente translúcida, mas não permite a visualização do céu.

Antes sem cobertura o edifício ganhava notoriedade.

Hoje a escala da cobertura abrange um desrespeito ao patrimônio público, apesar de a nova estrutura não encostar no prédio histórico.



Mercado Público de Florianópolis  
Acervo Casa da Memória



Ao passar por debaixo das passarelas das torres, um espaço amplo se abria.

O patrimônio tombado era percebido em sua totalidade.

As torres e a passagem que liga as duas alas integravam a paisagem.

Os altos prédio da cidade de forma singela também compunham o céu.



Mercado Público de Florianópolis  
Acervo Tempo Editorial



De dentro a gente via a vida la fora.



Prefeito Cesar Souza Júnior inaugurando a cobertura do vão central do Mercado Público no dia 01/07/2016





“Quando reinauguramos o Mercado muita gente falou que ele ficou eletizado. Higiene, limpeza e melhorias não é chiqueza. E hoje chegou esse grande dia. O mundo inteiro pega lugares históricos e dá áres modernos. É moderna, sim. E tem coisas para todos os gostos, o Mercado é democrático e tem a cara de nossa cidade”, disse o Prefeito Cesar Souza Júnior.

Reportagem de Viviane de Genova – ND 01/07/2016;Disponível em:

<https://ndonline.com.br/florianopolis/noticias/video-prefeito-cesar-souza-junior-inaugura-cobertura-retratil-do-mercado-publico>.



Entorno do Mercado Público 2018  
Fachada Oeste



O controle do espaço juntamente a circulação dificultosa, leva à formação de uma “bolha”, aumentando ainda mais a segregação socioespacial na área, em um processo de dissociação mediante o qual indivíduos e grupos perdem o contato físico e social com outros indivíduos e grupos. Não é por acaso que exista um sentimento de não-pertencimento nesse espaço.



Entorno do Mercado Público 03/2018  
Fachada Leste



Hoje existe uma segregação espacial do Mercado com seu entorno, onde o próprio espaço é projetado para ser controlado.

Barreiras de limitação com fitas retráteis acentuam o caráter privativo.

Os guarda-sóis presentes ousam aumentar a área dos restaurantes para fora do limite do vão central, como se a área já não fosse suficiente para atender a demanda.



Mercado Público de Florianópolis 2018



A barreira durante o dia chega a ponto de não ser facilmente percebida pelas pessoas, sendo até naturalizada.

A noite e em horários específicos é legitimada socialmente quando uma grade impede a circulação por dentro do vão central.



Mercado Público de Florianópolis antes de 2011  
Foto de autor desconhecido.





O Mercado de Florianópolis é um espaço público, por ser administrado pelo Município. E sendo assim, não pode ser privatizado e nem restringir o acesso. Com a última revitalização aconteceu uma privatização do espaço público do Mercado, através da vigilância e controle social de quando e quem o frequenta.

O piso caracterizava uma continuação do espaço da rua e entorno para dentro do vão enfatizando o caráter público do espaço. O piso antigo era versátil e flexível sendo usado muito em praças como no largo da Alfândega.



Restauração do piso do vão central do  
Mercado Público de Florianópolis

Disponível em: <https://ndonline.com.br/florianopolis/noticias/conclusao-das-obras-do-mercado-publico-de-florianopolis-e-adiada-e-ala-sul-deve-reabrir-em-abril-de-2015>

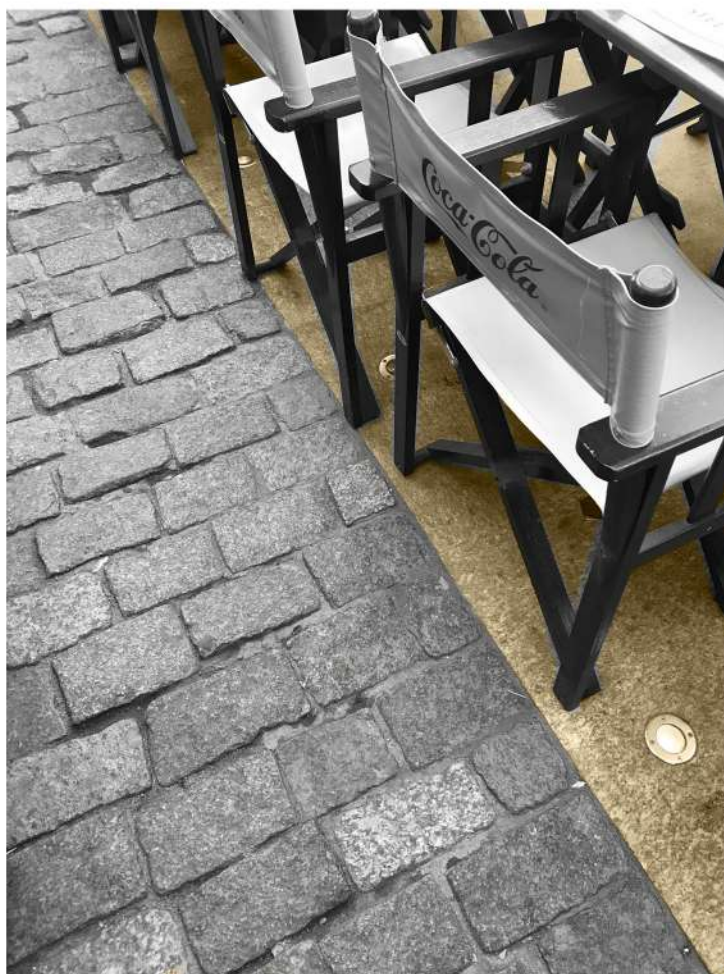


Sob argumentação de dificuldade de manter a higiene do local, caminhar e usufruir do espaço aconteceram várias mudanças na pavimentação do Mercado. Houve a substituição do piso de paralelepípedo por outro piso na área central com justificativa que o mesmo cria maior estabilidade para mesas e cadeiras, a adição de iluminação de piso e nivelamento e realinhamento nas áreas onde tem paralelepípedo, e assim fazendo perder suas características originais.

As mudanças aconteceram apesar do piso ser também parte integrante do espaço público e do monumento tombado.



Piso Mercado Público de Florianópolis 2018



As mudanças na pavimentação que aconteceram são descritas no edital do Concurso Nacional de Estudos Preliminares de Arquitetura para a Cobertura do Vão central do Mercado Público de Florianópolis, no parágrafo das especificações do projeto do vão central:

No trecho central o paralelepípedo será rebaixado ao nível original da caixa de rua, sendo assentado entre duas camadas de tecido geo-têxtil (bidim). Sobre este, delimitando duas grandes áreas de estar e convivência, será disponibilizado piso uniforme (placas de granito 80x80cm) para estabilidade de mesas e cadeiras durante o uso. A borda desta grande área receberá demarcação sutil e iluminação através do uso de balizadores de piso em LED.



Piso Mercado Público de Florianópolis 2018



As mudanças na pavimentação que aconteceram são descritas no edital do Concurso Nacional de Estudos Preliminares de Arquitetura para a Cobertura do Vão central do Mercado Público de Florianópolis, no parágrafo das especificações do projeto do vão central:

Na seqüência, em direção às laterais internas das alas do Mercado, permanecerá a pavimentação de paralelepípedo para a circulação de pessoas e de emergência, devidamente nivelada e regularizada, seguida de meio-fio tradicional em bloco granítico.

Calhas de piso em concreto pré-moldado com grelhas metálicas receberão as águas pluviais que serão devidamente escoadas para as galerias pluviais, configurando assim o sistema de drenagem superficial (linear).

No espaço de circulação adjacente às fachadas internas das alas serão utilizados ladrilhos hidráulicos padrão PMF (tipo 5x5 quadros na dimensão 40x40cm), sendo prevista sinalização podotátil direcional e de alerta.

No cruzamento dos eixos de circulação no vão central (entre portas de acesso à Ala Sul e à Ala Norte) (...) será mantido o tradicional revestimento de paralelepípedo, nivelado e realinhado.



Mercado Público de Florianópolis antes de 2010. Acervo Tempo Editorial





Por não ter um uso específico e único e por não possuir mobiliário fixo a sensação de amplitude era ainda maior e o espaço se tornava uma continuação do fora, onde os limites não eram bem definidos e o Mercado não tinha barreiras para entrada.



Mercado Público de Florianópolis antes de 2010. Acervo Tempo Editorial



Antes da última revitalização, que foi finalizada em 2016, o espaço não tinha nada fixo, era livre e amplo.

Os mobiliários como mesas, cadeira e guarda-sóis eram dispostos de forma sempre diferentes, pois nada era permanente.

Isso permitia áreas de permanência e de passagem bastante difusas e que não seguiam uma ordem. Podendo mudá-las a qualquer momento.



Mercado Público de Florianópolis antes de 2010. Acervo Tempo Editorial



Hoje as mesas e cadeiras são padronizadas, conforme o regulamento do Mercado:

No Regulamento do Mercado Público Municipal de Florianópolis, DECRETO Nº 18.487, de 05 de Abril de 2018 aprovado pelo Prefeito Municipal Gean Marques Loureiro enfatiza no Capítulo IV a tipologia do mobiliário:

Art. 12

2º As mesas, cadeiras e os guarda-sóis deverão ser padronizados, nos seguintes moldes:

I - no Espaço Luiz Henrique Rosa (Vão Central) e Espaço João Soares De Melo (Av. Paulo Fontes):

a) Das mesas: mesa dobrável para bar em madeira maciça, nas seguintes dimensões: Diâmetro: 70cm X 70cm X Altura: 70 cm

b) Das Cadeiras: em madeira, com encosto e assento em lona na cor bege, nas seguintes dimensões: Diâmetro: 50cm X 56cm X Altura: 86 cm

c) Dos Guarda-Sóis: medida compatível com as mesas e na cor bege.



Mercado Público de Florianópolis 2016.  
Foto de Carlos Henrique Corrêa



“Quando reinauguramos o Mercado muita gente falou que ele ficou eletizado. Higiene, limpeza e melhorias não é chiqueza (...) E tem coisas para todos os gostos, o Mercado é democrático e tem a cara de nossa cidade”, disse o Prefeito Cesar Souza Júnior.

Reportagem de Viviane de Genova – ND 01/07/2016;Disponível em:

<https://ndonline.com.br/florianopolis/noticias/video-prefeito-cesar-souza-junior-inaugura-cobertura-retratil-do-mercado-publico>.

Em época de inverno as cadeiras padronizadas recebem pelos. Mobiliário com a cara da cidade?



Mercado Público de Florianópolis 2018.





A própria disposição espacial do mobiliário contribuem para que o espaço seja controlado de vários ângulos visuais e que também automaticamente criam “entradas” laterais. Onde antes era uma continuação ampla da própria rua, agora são acessos estreitos, nos quais só faltam cobrar ingressos ou pedir identidade.

Visível durante o dia onde os próprios garçons ou donos dos restaurantes vigiam comportamentos, mantendo uma “normalidade” artificial.



Mercado Público de Florianópolis 2018.



A circulação é conformada pelo cheio, com dois corredores estreitos laterais longitudinais em ambos os lados.

Não se tem espontaneidades no trajeto, sendo sempre o mesmo, demonstrando como esse espaço é controlado, onde tudo é programado.



Mercado Público de Florianópolis 2018.



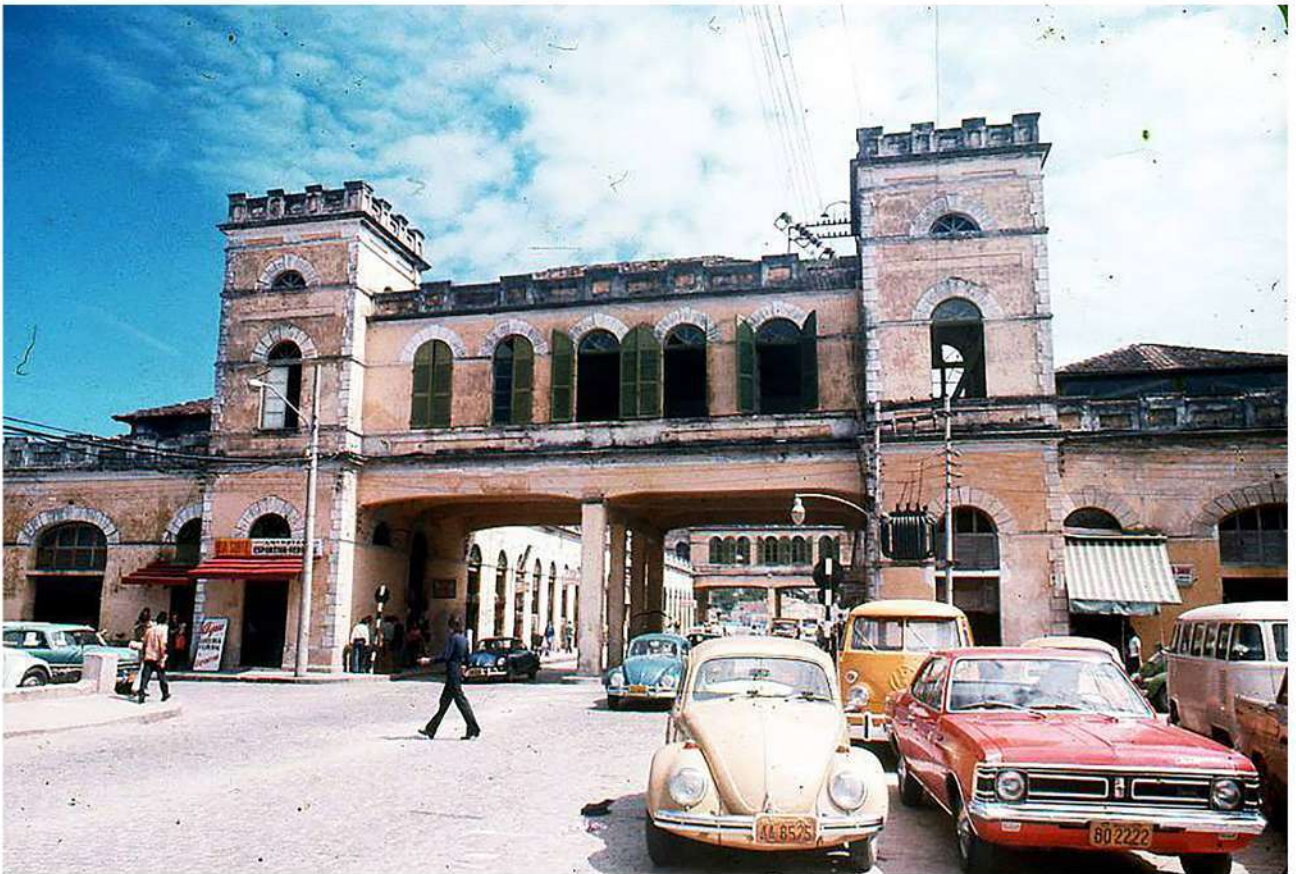
A circulação está próxima às paredes intensificando ainda mais o caráter de corredor longo e estreito. Proporcionando uma circulação acelerada e solitária, um ritmo característico de espaços de "passagem".



Mercado Público de Florianópolis 2018.



Além de claramente induzir um caminhar próximo aos restaurantes para que se tenha um consumo, através da espacialidade. Certas horas os garçons dispostos nesses corredores engrandecem essa sensação projetando o cardápio sobre as pessoas, oferecendo comidas e a "oportunidade" de permanecer ali. Dessa forma, a circulação do vão é pensada para obedecer a um fluxo de compras possíveis.



Mercado Público de Florianópolis 1973.  
Acervo Casa da Memória





O Mercado Público de Florianópolis é o único no Brasil que possui uma configuração espacial formada por um vão central aberto.

Antigamente o vão central era via urbana da orla marítima. Era importante passagem e entrada da cidade, onde o tráfego de automóveis chegava através da Ponte Hercílio Luz e passava pelo Mercado.



Mercado Público de Florianópolis 2011.  
Disponível em: <http://forum.skyscraperpage.com/showthread.php?t=192145>



Depois de fechado para automóveis, o espaço ficou destinado para pedestres, tanto turistas quanto moradores.

O vão fazia parte do trajeto diário do morador da cidade.

Principalmente pessoas vindo do Terminal de Integração do Centro - o principal Terminal de Ônibus em Florianópolis, usavam o vão como passagem, uma vez que não tinham obstáculos para "entrar" no espaço e circular ali.

O espaço ainda mantinha um caráter público e representava uma continuação do espaço da rua e entorno para dentro do vão.



Mercado Público de Florianópolis 2018.



Atualmente a circulação dos moradores e frequentadores do centro da cidade é marcante no entorno do Mercado e não mais no vão. Esse se torna parte integrante apenas do Mercado e não continuação do espaço da rua.

O fluxo de pessoas cria movimentos com direções e intensidades bastante variantes conforme o tempo.

Esse período de tempo é diário, regido principalmente pelo horário de comércio do Centro. Principalmente no horário das 18h, 19h...quando o Centro se esvazia.

As pessoas vindo e indo do Terminal de Integração do Centro - o principal Terminal de Ônibus em Florianópolis passam lateralmente ao Mercado ( fachada oeste) na Rua Jerônimo Coelho e se dispersam na esquina com a Rua Conselheiro Mafra.



Mercado Público de Florianópolis 2018.  
Fachada oeste - Rua Jerônimo Coelho



Uma característica bem marcante do entorno do Mercado é o comércio de ambulantes (informal) e o comércio formalizado.

Uma vez que a circulação de pessoas se concentra na rua - no entorno do edifício do Mercado - o comércio se posiciona estrategicamente no local.

O caráter público dessa forma está fora do Mercado Público.



Mercado Público de Florianópolis 2018.  
Fachada oeste - Rua Jerônimo Coelho





O comércio de pipoca é um dos mais marcantes no Centro. Talvez pela grande quantidade. Assim como outros comerciantes, nesse lugar sempre existe um pipoqueiro.

Sua pequena espacialidade móvel é composta pelo carrinho, claro e por um guarda sol e um banquinho.

Mas na verdade, a espacialidade é um pouco maior..

O cheiro abrange muito mais que 1m<sup>2</sup>.

A senhora conversa com a vendedora da Trimania que fica sentada a alguns metros de si. Sua conversa reverbera no espaço.

A espacialidade se amplia também quando o corpo da senhora passeia em busca de sombra, mesmo o carrinho estando parado no mesmo lugar.

"A pipoca se vende sozinha. O cheiro vende (risos). Todo dia é dia de pipoca.

Tem até pipoca verde e rosa!"

(Senhora que vende Trimania e que não disse seu nome)

O caráter público se pela liberdade de conversar alto, das diferentes trocas, das relações de "vizinhança" que se criam...



Entorno do Mercado Público de Florianópolis 2017.  
Rua Jerônimo Coelho



Calmaria. Correria. Calmaria. Correria. Calmaria. Correria.  
Esse ciclo é constante entre os comerciantes informais do entorno do Mercado.

O coletivo aqui é expressivo nos próprios comerciantes que se ajudam a fugir da fiscalização. Um movimento, como uma onda de mudança, acontece e que rapidamente muda a dinâmica do lugar.

A ousadia na localização do comércio é relevante. Em meio a multidão, na passagem, onde tem uma circulação intensa de pessoas, o comércio se faz notório. É impossível não ver. A gente quase pisa nos produtos ao caminhar.

Tem algo mais informal que um pano estendido no chão com produtos nada necessários para aquele momento?



Entorno do Mercado Público de Florianópolis 2018. Esquina da Rua Conselheiro Mafra com a Rua Deodoro



Em dias ensolarados, como aquele, alguns comerciantes aproveitam as pequenas sombras das folhas das árvores da esquina da Rua Conselheiro Mafra com a Rua Deodoro para expor.

De forma engenhosa, o expositor é composto por canos de PVC que se apoiam no chão e no próprio mobiliário urbano e que permite visualização dos produtos de todos os lados.

De um lado, os produtos são vistos das Ruas onde possui circulação intensa. No outro lado, existe uma área com bancos na sombra, onde diversas pessoas param e sentam.

Nesse local, as horas do dia, transformam a dinâmica do espaço, por conta da sombra criada pelas árvores.

O espaço é relacional, onde tem gente vendendo, comprando, conversando, vendo, passando, aproveitando o sol, comendo e no meio disso tem gente lendo um bom livro.

Os ritmos de um lado do expositor e do outro são muito diferentes. Os tempos de quem está na sombra e no sol também.



Entorno do Mercado Público de Florianópolis 2018.  
Esquina da Rua Conselheiro Mafra com a Rua Deodoro



Vende relógios em uma das esquinas mais movimentadas do centro e talvez por isso mesmo que está ali.

Mas também é ponto estratégico para conversar e observar todos que passam.

Acomodado em sua cadeira, o corpo do vendedor traduz sua estabilidade no espaço. Posicionado atrás da mercadoria, não se levanta nunca.

Mas como conversa e conhece a todos, cria uma dinâmica no espaço. Consegue ter uma visão privilegiada por estar em um canto e de longe chama outros vendedores, anuncia seus produtos ou bate papo com amigos.

E tudo isso, enquanto está sentado de braços cruzados em sua cadeira.

"opa (acenando)"

"vai um relógio hoje?"

Ao fundo, mais um pipoqueiro. Com seu carrinho, banquinho e guarda-sol (verde).



Entorno do Mercado Público de Florianópolis 2017.  
Rua Deodoro





Essa é sem dúvida uma das especialidades de comércio mais amplas que se pode encontrar no entorno do Mercado.

A lona amarela amplia o plano horizontal, o banco ao lado cria uma continuidade no sentar, do mesmo modo que cadeiras estendem o espaço para além do porta malas do carro. O cheiro do pão e doces se expande sobre todo o lugar.

Nesse pequeno grande espaço sentam outros comerciantes, possíveis compradores, curiosos, morador de rua...

As relações são múltiplas.



Entorno do Mercado Público de Florianópolis 2018.  
Largo da Alfândega



No centro é difícil de ouvir apenas um som.  
Murmurinhos, buzinas, pessoas gritando e falando, sapatos estalando no chão, anúncios em alto falantes, cachorro latindo e até asas de pombo voando...  
É uma disputa.  
E no meio disso tudo, o senhor toca sua flauta.

- som cria um lugar.
- som vende as flautas.



Entorno do Mercado Público de Florianópolis 2018.  
Canteiro da Avenida Paulo Fontes



No canteiro no meio da Avenida Paulo Fontes, do lado do Mercado Público, uma feira com vendas de caldo de cana, algumas comidas e produtos artesanais acontece todo sábado.

A concentração dessas barraquinhas faz com que a circulação de pessoas que vem do Terminal Urbano mude. As pessoas optam por passar pelo canteiro da Avenida, do que passar por dentro do vão.

As barraquinhas estão dispostas de forma que criam um corredor, quase uma vitrine. Assim, a circulação que é bastante intensa no local, se concentra na frente delas.



Entorno do Mercado Público de Florianópolis 2018.  
Largo da Alfândega



O mais engraçado é o carrinho aqui ser uma miniatura da construção do Mercado Público.

Por que ele não está dentro?

A referência ao Mercado Público acontece até no nome: "Marketdog"



Entorno do Mercado Público de Florianópolis 2018.  
Rua Conselheiro Mafra





Enquanto uns precisam de um carro com lona ou sombra ou uma estrutura para vender seus produtos outros precisam apenas de uma mesa improvisada, e claramente uma boa conversa.

O vendedor de descascador de legumes usa sua voz e sua conversa e para vender seu produto. Ou até mesmo a própria agilidade em descascar chama atenção de quem passa.

“Minha senhora, tem certeza que não quer levar hoje um descascador?”

Na verdade ninguém tem certeza. Muitos acabam levando.

“É baratinho..Tem várias funções.”

Os outros comerciantes podem passar despercebidos, mas esse vendedor nunca. Sua voz ecoa e procura clientela.



Mercado Público de Florianópolis 2018.



O Mercado Público de Florianópolis foi prejudicado ou sofreu adaptação em relação ao abastecimento alimentar em função de vários fatores, ao longo de sua história na cidade. Mesmo assim, a população ainda procura o local, por ser um espaço particular da cidade.

A existência ainda de alguns comércios de frutos do mar, que vendem produtos frescos, garantem a presença da população e fazem parte do cotidiano dos moradores.



Mercado Público de Florianópolis 2018.



A existência de alguns boxes que vendem comidas realmente típicas, com uma tradição de anos despertam memórias e cria identificação com o espaço. Dessa maneira, ir ao Mercado Público é ainda um costume urbano presente na cidade, em que as vendas e tradições se intensificam em datas festivas, religiosas, fins de semanas e comemorações.



Mercado Público de Florianópolis 2018.



A presença do comércio tradicional é parte primordial da memória coletiva, materializando-se pelas lembranças de pessoas reais, de classes distintas, que se apropriam do espaço.

Aos sábados é quase impossível de caminhar de tanta gente querendo comprar pescados e frutos do mar.



Mercado Público de Florianópolis 2018.





O Box 32 permanece no Mercado desde 1984. No dia 3 de Março do mesmo ano Beto Barreiros abriu o restaurante que se tornou um dos principais pontos de encontro do local. O restaurante continua resistindo ao tempo.

Todavia, sofreu algumas modificações que modernizaram o espaço e o seu cardápio, perdendo as suas características originais. O local não vende mais a tradicional comida de influência açoriana.

Os porta retratos que estão pendurados na entrada abaixo do nome do estabelecimento, denunciam a importação de valores, onde se perde a identidade do lugar. As imagens são fotografias de pessoas famosas que já passaram e comeram nesse local. Ou seja, um comércio bastante turístico.



Mercado Público de Florianópolis 2018.



É perceptível uma importação de valores, costumes e cultura, intensificada com globalização. O espaço assim, perde sua identidade e proximidade com o lugar em que está, com as pessoas e se torna equivalente com outros espaços de outras partes do mundo, se tornando universal e artificial. De forma contraditória o anúncio a seguir procura atrair consumidores em uma promessa de gastronomia local.

“Nos bares e restaurantes é possível degustar diversos pratos da gastronomia local, todos sempre bem acompanhados de um chope super gelado.”

(Disponível em: <http://portodailha.com.br/site/mercado-publico-de-florianopolis-o-espaco-mais-democratico-da-ilha/>. Acessado em: 25/11/17).

Hoje a cadeia de fast-food Bob's ocupa um dos boxes do vão central do Mercado.



Mercado Público de Florianópolis 2018.



#### "QUEM PODE PAGAR POR PRODUTOS GOURMET?"

Nos preocupa muito a nova cara do Mercado Público de Florianópolis. O "novo mix de lojas e produtos" instalou um processo de pasteurização do lugar, que sempre foi e deveria continuar a ser um enorme centro gastronômico e cultural genuinamente ilhéu. Os preços de diversos boxes são excludentes, onde está o caráter democrático e popular do nosso mercado público?"

Vereador Lino Peres (6 de agosto de 2015)



Mercado Público de Florianópolis 2018.



“Muitos comércios, como os de aparelhos celulares, ignoram o verdadeiro sentido do lugar. A prefeitura poderia ter resguardado melhor nossa identidade manezinha no processo de licitação.”

Vereador Lino Peres (6 de agosto de 2015)

As relações que ali se desenvolvem podem ser reduzidas ao ato econômico de consumo.



Mercado Público de Florianópolis 2018.





O espaço traz uma dimensão econômica do consumo a todo momento.

A alteração da paisagem urbana para transformação em entretenimento urbano e consumo cultural acontece durante todo o ano.

Em datas específicas como no Festival da Tainha, carnaval e festas de São João nos meses de junho e julho, o Mercado cria uma intensa programação que passou a manter o local como uma das mais novas opções para o turista que frequenta Florianópolis, integrando o local à agenda cultural da cidade.



Mercado Público de Florianópolis 2018.



A caracterização do espaço do vão central para eventos culturais aconteceu esse ano para a copa de 2018, no qual telões foram instalados no local para assistir os jogos, além de bandeirinhas do Brasil e outros adornos.



Mercado Público de Florianópolis 2018.



A experiência do corpo no espaço e no tempo, transforma o lugar. Por sermos pessoas reais, as ações têm diversidade e intensidade bem diferentes, mudando o espaço a todo momento. Logo, uma mesma ação pode ter diferentes tempos, ritmos. Essa velocidade interfere no "consumo" do espaço no tempo. Mas ao mesmo tempo, o espaço pode "moldar" as ações.

Nos não lugares elas são contidas, tem limites. As pessoas não conseguem se apropriar do espaço de forma livre. Nada de "estranho" acontece por ali, nenhuma surpresa.

Tudo é igual todos os dias.

A cobertura junto ao uso do vão voltado apenas para os restaurantes, com todo o espaço ocupado por mesas e cadeira, impede qualquer outro uso e principalmente uso público.



Mercado Público de Florianópolis 2018.



Atualmente depois da última revitalização em 2016, as mudanças no espaço transformaram sua função, induzindo uma sofisticação de usos que anteriormente era essencialmente popular.

As pessoas são espectadoras e "consumidoras" desse espaço, não interagindo e nem relacionando com ele.



Mercado Público de Florianópolis 2010.  
<https://viagemeturismo.abril.com.br/materias/os-melhores-mercados-publicos-do-brasil-para-provar-comidas-tipicas/>





O vão central era marcado pela sua interligação com a via pública, configurando um espaço de permeabilidade, amplamente integrado ao entorno. O espaço era relacional enquanto promotor de trocas sendo uma área democrática e plural. O espaço por não possuir mobiliários fixos, não ter uma cobertura e ser amplo proporcionava um ambiente disponível ao acaso. Sendo comum diferentes ações acontecerem ao mesmo tempo.



Placa no Mercado Público de Florianópolis  
Foto: Vereador Lino Peres. Ano não divulgado.



A “revitalização” permitiu a privatização do vão central do mercado, instituído como Espaço Cultural Luiz Henrique Rosa pela administração de Édison Andrino nos anos 1980.

O vão central era usado para comprar, vender, expor, se apresentar, assistir shows, dançar, pedir comida, pedir dinheiro, oferecer um corte de cabelo, cantar, passear, passar, dar comida, comer, beber, sentar, manifestar, lutar... enfim, era usado ao acaso e para manifestações espontâneas da população.



Exposição de arte no Mercado- " Mercado de Arte"  
Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/83888/188092.pdf?sequence=1>



Podia sentar no chão.  
Podia pedir dinheiro no chão.  
Podia levantar bandeira política.  
Podia levantar e dançar por todo o espaço.  
Podia vender quem agora fica fora.  
Podia olhar para o céu.  
Podia manifestar e gritar em auto falante.  
Podia expor um trabalho ou uma arte sob um pano no chão.  
Podia cachorro de rua deitar.  
Podia pombo voar.



Jogo de Capoeira no vão do Mercado Público.  
Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/83888/188092.pdf?sequence=1>



Manifestações da população, típicas da cultura brasileira, ocorriam no Mercado frequentemente. Hoje, elas não acontecem mais nesse espaço.

A prática da capoeira, por exemplo, acontecia esporadicamente no vão central do Mercado até 2015.

Uma época, no início do século XX era condenada e atribuída, pelas classes burguesas locais, à marginalidade.

“(…) Justamente quando maior é a aglomeração de famílias, é que eles – (...) os vagabundos, na sua maioria rapazes vendedores de bala, amendoim e “tuti quanti” há de peraltas (...) – se exercitam na detestável prática dos doestos, de insultos e da capoeiragem (...)” (Jornal República, 12/3/1921, p.2.)

“No ano de 1988 com a iniciativa do Contra-mestre Alemão do Grupo Ajagunã de Palmares, foi criada a Roda de Capoeira no Mercado Público de Florianópolis sempre realizada aos sábados. Já teve a presença de importantes mestres e professores de Capoeira da Bahia, Sergipe, São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul”. (Disponível em: <https://jocapoeira.com/category/capoeira-2/page/16/>)



Jogo de Capoeira no vão do Mercado Público.

Disponível em: <http://campechefatosefotos.blogspot.com/2012/04/capoeira-ro-de-rua-mercado-publico-de.html>





A seguir um trecho do Blog da Jô Capoeira , escrito por Josinha:

“Devido a organização do Grupo de Capoeira Angola Palmares, responsável pela roda, é realizada todo o primeiro sábado de cada mês. (2009)

A Roda é do Mercado! E o maior feito desta roda é de ser uma das poucas rodas de rua de Florianópolis.

Nela tudo acontece e o povo em volta, observa atentamente o que acontece!

Ali a Capoeira Vive!

Aqui deixo um pouco do sentimento que tenho por esta roda, escrito em 19 de abril de 2009: Roda do Mercado

Difícil é expressar através de palavras os sentimentos em relação à Roda do Mercado.

Para alguns uma roda que não deve ser prestigiada devido à sua origem, criticada por sua Capoeira “forte” e rústica praticada por alguns camaradas.

Mas o que me contagia é a magia da Capoeira na rua; do “sujar as mãos”; do inesperado; da surpresa; do desconhecido; do povo que prestigia e participa com seus olhares e expressões de espanto ou admiração.

O encontro com os camaradas; a papoeira depois da roda; o samba de outrora...

E os mestres de Capoeira que por ali já passaram... Quanta energia ali deixaram com suas músicas, ritmos e jogos incríveis!

Resistir! Esta palavra resume o espírito desta Roda!”



Mercado Público de Florianópolis 2018.



No vão as ações indicam um uso econômico e não político ou social como antes. E isso tem muita relação com a homogeneidade desses “experimentadores” de espaço e com a configuração espacial atual. Algumas ações permaneceram apesar de serem praticadas por outro grupo de pessoas ou por serem autorizadas a acontecerem. Outras ações simplesmente deixaram de existir ou são controladas.

De acordo com o edital do Concurso Nacional de Estudos Preliminares de Arquitetura para a Cobertura do Vão central do Mercado Público de Florianópolis, no parágrafo das especificações do projeto do vão central é contraditório ao que acontece atualmente no espaço:

“O restante do mobiliário da área de convivência e estar não deverá ser fixo, de modo a prover flexibilidade no arranjo em função de diferentes usos (espetáculos cênicos, cinema ao ar livre, desfiles, eventos de animação, gastronomia).”

Disponível em: [http://iab-sc.org.br/concursovaomercado/wp-content/uploads/arquivos/Termo\\_Referencia\\_Concurso\\_COBERTURA\\_MPF.pdf](http://iab-sc.org.br/concursovaomercado/wp-content/uploads/arquivos/Termo_Referencia_Concurso_COBERTURA_MPF.pdf)



Mercado Público de Florianópolis 2018.



Obviamente que as atividades culturais no espaço diminuiram, apesar de no edital do Concurso Nacional de Estudos Preliminares de Arquitetura para a Cobertura do Vão central do Mercado Público de Florianópolis afirmar que haveria ampliação de tais atividades, como mostra o trecho a seguir.

“A qualificação deste espaço irá dotá-lo de melhor infra-estrutura conferindo mais conforto e possibilidades para a ampliação do leque de atividades culturais que apresentarem potencial, tais como eventos das mais variadas formas com apresentação de cinema ao ar livre, manifestações cênicas, artísticas entre outras.”

No Regulamento do Mercado Público Municipal de Florianópolis, DECRETO Nº 18.487, de 05 de Abril de 2018 aprovado pelo Prefeito Municipal Gean Marques Loureiro enfatiza no Capítulo III a proibição de alguns usos:

Art. 9º Fica proibido o comércio ambulante, a prática e a comercialização de jogos de azar e outras atividades ilícitas nas dependências do Mercado Público Municipal de Florianópolis.



Mercado Público de Florianópolis  
31/07/2010. Fotógrafo Sérgio Vignes  
Tempo Editorial



Pessoas no Mercado Público durante a campanha eleitoral de 2010

Tinha gente sentada no chão.  
Pedindo dinheiro no chão.  
Levantando bandeira política.  
Andando e dançando por todo o espaço.  
Gente vendendo e que hoje fica fora.  
Olhando pro céu.  
Manifestando e gritando em auto falante.  
Gente circulando de noite.  
Expondo um trabalho ou arte sob um pano no chão.  
Cachorro de rua deitado.  
Pombo voando.

Espaço público. Lugar público.



Mercado Público de Florianópolis  
2014. Fotografia Carolina Rios





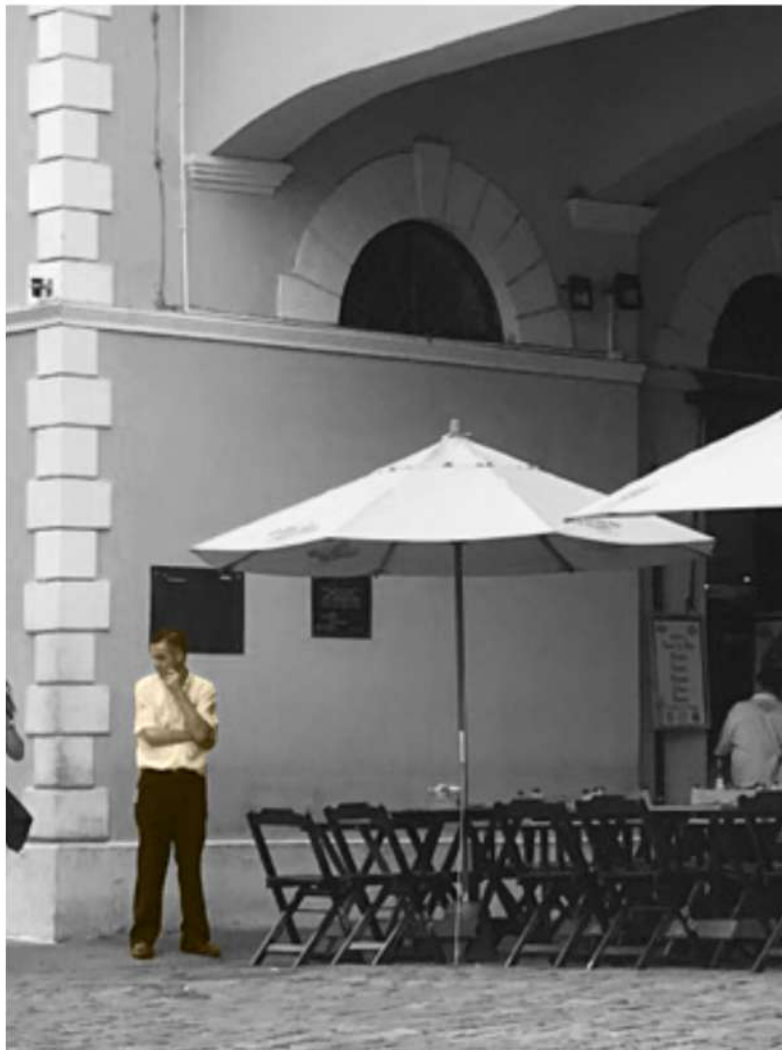
Antes da última “revitalização” no Mercado, o morador de rua criava sua própria espacialidade ali, mesmo que singela, ela estava presente.

No lugar é natural a diversidade social.

Moradores da cidade e turistas, comerciantes e consumidores, moradores de rua, donos de estabelecimentos... de comportamentos vários se apropriavam do lugar.



Mercado Público de Florianópolis 2018.



A "revitalização" mudou as pessoas e grupos sociais antes ali existentes por outros, mudou o espaço e sua atmosfera.

No mesmo espaço que em 2014 havia um morador de rua sentado no chão, em 2018 tem um garçom, que faz também papel de guarda e controle.

Visível durante o dia, acontece uma vigilância onde os próprios garçons ou donos dos restaurantes são atentos ao vestir e comportamentos, mantendo uma "normalidade" artificial. Isso é possível pela própria disposição espacial do mobiliário, como as mesas dispostas no vão central, que contribuem para que o espaço seja controlado de vários ângulos visuais e que também automaticamente criam "entradas" laterais. Onde antes era uma continuação ampla da própria rua, agora são acessos estreitos, nos quais só faltam cobrar ingressos ou pedir identidade.



Mercado Público de Florianópolis 2018.



As fronteiras do vão do Mercado circunscrevem e definem um estilo de vida que só pode ser vivenciado naquele espaço.

“O processo de gentrificação alterou profundamente a sua paisagem urbana, ao deslocar para a esfera do consumo os sentidos tradicionais da história e da cultura pública.” (LEITE, 2001)



Mercado Público de Florianópolis 2018.



O espaço que só uns têm acesso, não é democrático, pois não há diversidade ou confronto de ideias. Os não lugares são marcados pela homogeneidade dos indivíduos, mostrando uma figura de hierarquia dominante, que se torna universal;

O lugar, anteriormente antropológico, ao se transformar, progressivamente, em não lugar sofre a substituição de uma diversidade de grupos sociais ali existentes por outro. Não apenas um grupo é expulso, mas a pluralidade se perde.



Entorno do Mercado Público de Florianópolis 2018.  
Largo da Alfândega.





O pitoresco, os sotaques, os sons e os cheiros que dão forma à alma de uma cidade ainda são presentes no lugar entorno do Mercado.

Segundo Augé no Livro Não-Lugares: se "os lugares antropológicos criam um social orgânico, os não-lugares criam tensão solitária"



Entorno do Mercado Público de Florianópolis 2018.  
Largo da Alfândega.



Por estar tratando de pessoas reais as ações se caracterizam por serem movimentos heterogêneos e imprevisíveis.

“O senhor sentado no banco tem um aparelho de som que ele deixa tocando o dia todo! Eu não aguento mais, mas ele ta ali no banco da praça... o que a gente pode fazer?” (Sueli, servidora Pública do Mercado)

Lugar público.

O gari por outro lado, parece apreciar o som. Para de varrer e observa o senhor, ouvindo atentamente a música.

O Mercado permaneceu com certas práticas e sentidos que já existiam antes da “revitalização”.



Entorno do Mercado Público de Florianópolis 2018.  
Rua Conselheiro Mafra



Não é preciso muito para que o homem marque sua presença no espaço.  
Seu som reverbera. Sua voz se faz presente.

O som e o homem constroem um lugar.



Entorno do Mercado Público de Florianópolis 2018.  
Largo da Alfândega.



Dessa convergência entre espaço e ação, estruturam-se manifestações públicas diversas, ordenam as categorias e os grupos sociais em suas mútuas relações.

As diferenças, que se codificam em cada gesto, roupas e adereços, tornavam mais fluidas as fronteiras simbólicas que separam as pessoas, permitindo interações múltiplas. Diversidade de pessoas em um único banco. Unidos pela sombra. Juntos pelo descanso. Próximos pelo lugar.

Em fins de semana ou horários contrários ao comércio do centro, quando esses espaços não são ocupados por turistas principalmente, os moradores de rua se apropriam muito mais desse lugar. Criam sua espacialidade com barracas e cobertores.



Entorno do Mercado Público de Florianópolis 2018.  
Largo da Alfândega.





Pouco antes das 7 horas da manhã, os garçons chegam aos poucos e em um movimento lento ajudam a transformar esse trecho da cidade em um artificial boulevard. As grades são retiradas e as mesas e cadeiras presas por correntes são liberadas. Pouco a pouco o vão assume sua configuração de todos os dias, tomado por pessoas e pelas mesas dos bares e restaurantes.

Existe assim, uma otimização do espaço público do vão central, para uso restrito, explorado comercialmente e portanto exclusionista.

Na foto o espaço ainda está "em construção", as mesas e cadeiras ainda foram posicionadas.



Entorno do Mercado Público de Florianópolis 2018.  
Largo da Alfândega.



De espaço essencialmente público, que continha eventos e usos populares e uma diversidade de pessoas, se transformou em um espaço sem identidade, com uso restrito e explorado comercialmente como as “praças de alimentação” dos shoppings. Então o Mercado perde essencialmente seu caráter político e democrático no vão central. “Ficou proibitivo frequentar o Mercado que, como o nome ainda promete mas não cumpre, era Público.” (PERES, 2018)

A construção de uma nova imagem da cidade de Florianópolis, através da valorização dos usos econômicos do patrimônio cultural e da espetacularização do espaço urbano, como forma de reativar os fluxos de investimentos para a economia local. “Essa, nos parece, é a tônica da sociedade do espetáculo, da supermodernidade, e que encontra eco, aos poucos, em Florianópolis em outras tentativas e tendências de folclorização, de musealização do espaço urbano do Centro Histórico.” (TEIXEIRA, 2002)



Mercado Público de Florianópolis 2009.  
Fachada Leste. Fonte: desconhecida.



O Mercado Público de Florianópolis ainda faz parte do imaginário da cidade e de seus habitantes, permanecendo no tempo e no espaço como documento vivo e identitário. O espaço em si, a edificação preservada desperta memórias e cria identificação e mantém vivo o passado no imaginários das pessoas, que garante assim, vida e simbolismo, tornando-o um espaço particular da cidade.

“A memória coletiva apóia-se em imagens espaciais” pois “apenas a imagem do espaço, graças à sua estabilidade, é que nos dá a ilusão de não mudar através do tempo e de reencontrar o passado no presente, e é exatamente assim que se pode definir a memória”( LE PETIT, 2001, p. 149)

## 4 - CONTRA-USOS

### INTENÇÃO

Apresento neste momento, ensaios de reativação dos usos públicos no espaço. Decido chamar de contra-usos - termo usado por Rogério Proença Leite. Sendo propositivos, podem retomar o lugar antropológico no Mercado que foi perdido ao longo do tempo e consequentemente frear o processo de espetacularização e do não lugar, retomando o caráter público do espaço. Esses novos usos diferem daqueles esperados pelas políticas urbanas e contribuem para uma diversificação do atual sentido de não lugar para lugar.

Ainda que sejam uma forma de compensar alguma "sensação de perda", uma vez que o sentido de lugar antropológico é pouco presente no Mercado hoje e o caráter público do espaço se perdeu em vários aspectos, é possível repensar a construção desse espaço no contexto urbano contemporâneo a partir de contra-usos. Para isso novas configurações espaciais devem ser feitas, para que novos usos e outras ações diferentes das existentes hoje possam acontecer.

"(...) um espaço urbano somente se constitui em um espaço público quando nele se conjugam certas configurações espaciais e um conjunto de ações. Quando as ações atribuem sentidos de lugar e pertencimento a certos espaços urbanos, e, de outro modo, essas espacialidades incidem igualmente na construção de sentidos para as ações, os espaços urbanos podem se constituir como espaços públicos: locais onde as diferenças se confrontam politicamente." (LEITE, 2002)

No caso da última "revitalização" do Mercado, no espaço urbano não foram estabelecidas práticas sociais que venham a caracterizar a dimensão política e social características de espaços públicos, pois as intervenções que aconteceram no Mercado Público e seu entorno possuem um caráter visivelmente segregador e socialmente higienizador.

## MODO

Seleciono os recortes da “cartografia da resistência” uma vez que se tratam de usos, ações e pessoas reais que existem ali hoje ou que existiam antigamente e desloco os recortes para novas espacialidades.

Uma vez existindo os contra-usos, a intenção é através deles subverter sentidos por não serem coerentes com esse espaço, possibilitar novas apropriações e o fortalecimento das resistências ainda remanescentes. Além de criar um espaço de reação diante da espetacularização da cidade e, principalmente, do Mercado Público.

“Os contra-uso são capaz não apenas de subverter os usos esperados de um espaço regulado, como também de possibilitar que o espaço se transforme para dar origem a diferentes lugares, a partir da demarcação socioespacial da diferença e das resignificações que esses contra-usos realizam.” (LEITE, 2002)

O “resultado” espacial, enquanto lugar antropológico, surgido pelos contra-usos propostos podem criar singularidades, expressar insurgência e reivindicar direitos, no qual os vínculos entre lugar e identidade surgem como uma forma das pessoas se situarem neste contexto de cidade contemporânea, atribuindo diferentes sentidos ao espaço.

“Direitos de pertencer à cidade, de estabelecer itinerários próprios, de fazer do espaço público contemporâneo, enfim, um legítimo espaço político da diferença. Ao contrário de significar uma espécie de “privatização” do espaço público – pelo aparente excesso de segmentação espacializada de modos de conduta pública –, construção social dos lugares politiza o espaço urbano (qualificando-o como espaço público), na medida em que cada lugar, para se legitimar perante o outro – e a partir do qual se diferencia –, precisa igualmente ser reconhecido publicamente em sua própria singularidade.” (LEITE, 2002)

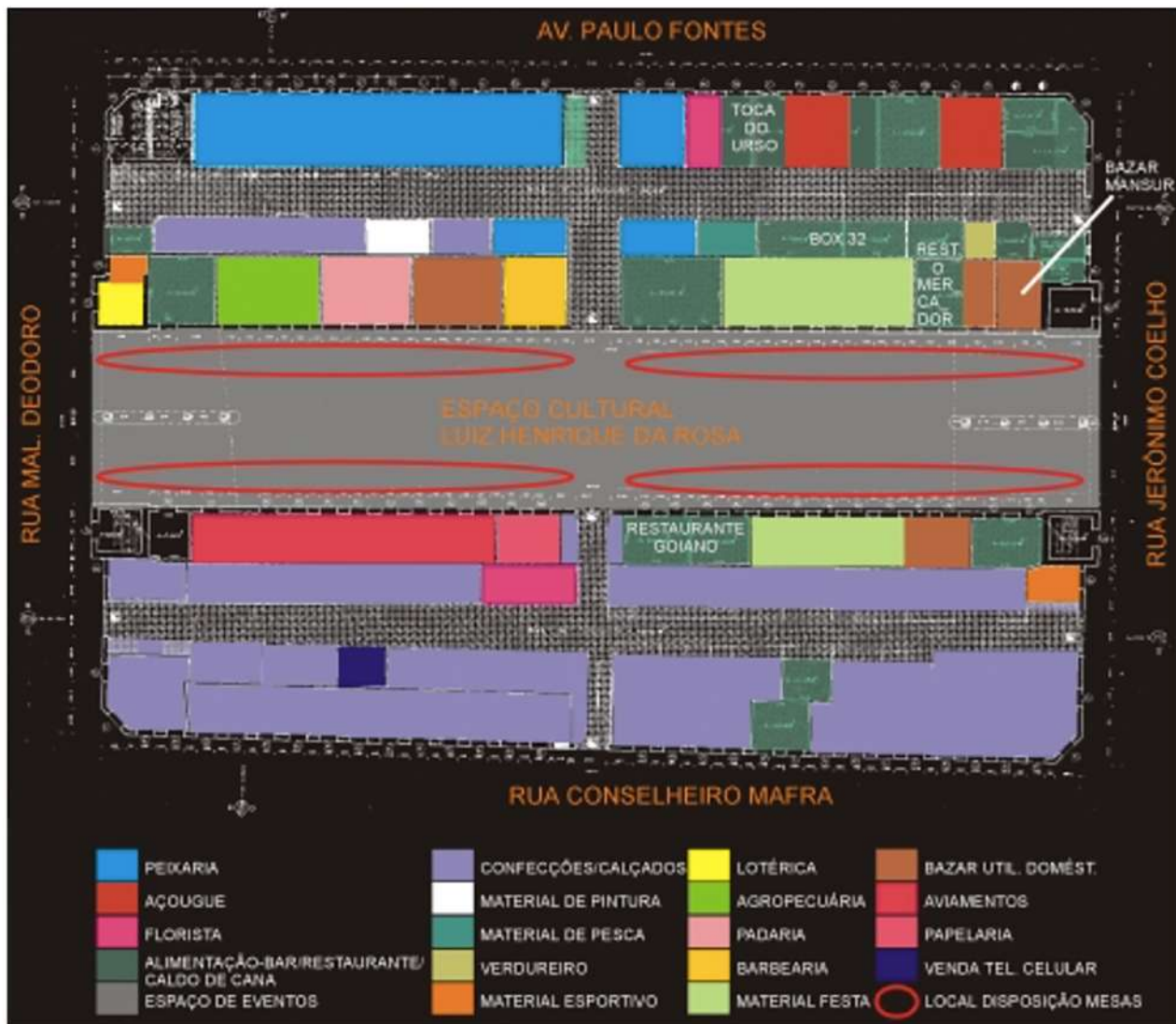






# ESPACIALIZANDO OS USOS

ANO:1987



Planta- Baixa de usos do Mercado. Fonte base cartográfica: IPUF,1987.

Retirada da dissertação: ESPAÇOS PÚBLICOS DA ORLA MARITIMA DO CENTRO HISTORICO DE FLORIANOPOLIS: O LUGAR DO MERCADO. Realizada por Luiz Eduardo Fontoura Teixeira 2002.

Na planta baixa é perceptível no Espaço cultural Luiz Henrique Rosa, vão central, a presença de um espaço para local das mesas -círculos em vermelho. Apesar de haver uma delimitação da disposição das mesas, o espaço não é tomado por elas, sendo ainda bastante livre e assim permitindo outros usos.

É notável também uma variedade de comércios voltados para o vão central. Não somente restaurantes, mas açougue, vendas de utensílios domésticos, material para festa, agropecuária entre outros.

Alguns comércios são destacados como o Box 32, o Bazar Mansur e o Restaurante Goiano. E talvez esses três comércios representem bastante o processo de transformação do Mercado:

O Box 32 é um restaurante que ainda permanece no Mercado, apesar de perder muito das suas características originais, voltando-se totalmente ao turismo.

O Bazar Mansur vende utensílios domésticos e ainda permanece no Mercado, no mesmo local desde 1947.

O Restaurante Goiano que vendia o famoso Prato Feito não existe mais.

O Mercado ao longo de sua história sofreu inúmeras transformações no perfil dos comerciantes. Muitos permaneceram até hoje, outros não.

A seguir trechos de depoimentos de comerciantes retirados da dissertação: ESPAÇOS PÚBLICOS DA ORLA MARÍTIMA DO CENTRO HISTÓRICO DE FLORIANÓPOLIS: O LUGAR DO MERCADO. Realizada por Luiz Eduardo Fontoura Teixeira em 2002.

Os depoimentos nos revelam uma volta ao passado, com memórias únicas. Demonstram como o Mercado está presente no imaginário da população e como figura identitária da cidade, fazendo parte do cotidiano de todos.

O comerciante de carnes, Aurino Manoel dos Santos, 71 anos, que trabalha no Mercado Público há 58 anos diz: “Este Mercado é a minha vida. Não dá pra gente abandonar essa convivência de todos os dias de mais de 40 anos. (...) Isso aqui é um luxo, um cartão de visitas da cidade (...). Quem vem a Florianópolis e não passeia pelo Mercado não conhece a cidade. Mas tenho saudades da época em que botes aportavam aqui ao lado para descarregar mercadorias. Tudo era mais humano (...) o mar, o trapiche do Hoepcke, o prédio da Associação Rural, a louça de barro, o posto Texaco, o Moinho Joinville, tudo isso compunha o cenário em volta do nosso Mercado (...)”

(A Notícia, Cad. ANCapital, 12/10/1999, p.6)

A comida de influência açoriana, incrementada pela farinha de mandioca, legado indígena à Ilha, confere um sabor peculiar aos seus pratos típicos. O jornalista Aldirio Simões entrevistando o proprietário do Restaurante Goiano, considerado o mais antigo do Mercado, descreve um pouco dos locais onde se encontrava a boa comida ilhêa:

“Na parte externa do velho Mercado Público, na Conselheiro Mafra, existiam restaurantes famosos, conhecidos como cafés, como o do Motta, do Comércio e do Cruzeiro, vizinhos da farmácia do Nilo e da Alfaiataria Waldemar de Mello dias. No vão central pontificavam os restaurantes Monte Castelo e do Otávio, mas era o do Joça, com suas seis portas, o mais freqüentado, principalmente pelas pessoas que vinham do interior da Ilha que ali faziam as suas refeições.”

(A Notícia, cad. ANCapital, 25/1/1999, p.8.)

O mais antigo comerciante do Mercado Público no século XX, Gedeão Mansur, a falecer aos 87 anos de idade, mereceu reportagem que descreve um pouco de suas atividades:

“A convivência – com o Mercado – começou em 1947, quando surgiu o Bazar Mansur, especializado em instrumentos de alumínio e mantido desde então no mesmo Box do vão central. (...)”

Quando Mansur abriu o Bazar, o Mercado carregava uma péssima fama. “Mulher de família não passava por aqui. Tinha muita prostituta e vagabundo. Cansei de chamar a polícia para tirar os bêbados da minha porta na hora de abrir a loja”, contava.

Mas havia as compensações. O mar chegava a menos de dez metros da porta de entrada da loja. De lá vinham barcos carregados de peixes, razão para o alvoroço da clientela (...)”

(A Notícia, cad. ANCapital, 18/11/1999, p.6.)

Em depoimento anterior (1997), o comerciante fala de seus bazares do Mercado:

“Mas nem sempre foi assim – referindo-se ao fato de vender somente utilidades domésticas de alumínio -, eu vendia de tudo, inclusive armarinho e fazenda. Mas o velho prédio não tinha manutenção, chovia muito aqui dentro (...)”

Acompanhei os primeiros passos das famílias Koerich e Schappo – hoje dois fortes grupos comerciais da cidade – vendendo produtos coloniais nas grandes feiras das quartas-feiras no outro mercado (de artigos manufaturados). Os botes vindos da Pinheira e Ganchos atracavam aqui ao lado, carregados de farinha, louça de barro, charque, peixe seco e diversos gêneros alimentícios. O Mercado vendia basicamente peixe, carne e verduras (...)”

(A Notícia, cad. ANCapital, 18/11/1999, p.6.)

A seguir um trecho de uma entrevista de Carlos Damião em 06/08/2011 com Edson Luiz da Silva. Disponível em : <https://ndonline.com.br/florianopolis/coluna/carlos-damiao/papo-cabeca-com-velho-bruxo>.

Manezinho militante, Edson Luiz da Silva (mais conhecido na cidade por Velho Bruxo) guarda lembranças:

“Nunca esqueci o que é brincar em uma rua sem calçamento da Coloninha ou de Coqueiros, tomar banho de mar na praia do Balneário (Estreito), praia da Saudade, Itaguaçu e Bom Abrigo, o que era viver livre pela ilha, a vadiar. Olhar o mar de dentro do Miramar, andar livre pela cidade, fazer xixi no mar atrás do Mercado Público, comer PF (prato feito) no Goiano.”

O Restaurante Goiano era lugar marcante para os moradores da ilha que frequentavam o local em busca de comida boa e barata.

# ESPACIALIZANDO OS USOS

ANO:2018



Planta- Baixa de usos do Mercado. Fonte: <https://ricmais.com.br/sc/blogs/nossomercado/mapa/>

Na planta baixa é perceptível no Espaço cultural Luiz Henrique Rosa, vão central, a presença de um espaço para local das mesas -círculos em vermelho. Apesar de haver uma delimitação da disposição das mesas, o espaço não é tomado por elas, sendo ainda bastante livre e assim permitindo outros usos.

É notável também uma variedade de comércios voltados para o vão central. Não somente restaurantes, mas açougue, vendas de utensílios domésticos, material para festa, agropecuária entre outros.






















Alguns comércios são destacados como o Box 32, o Bazar Mansur e o Restaurante Goiano. E talvez esses três comércios representem bastante o processo de transformação do Mercado:

O Box 32 é um restaurante que ainda permanece no Mercado, apesar de perder muito das suas características originais, voltando-se totalmente ao turismo.






O Bazar Mansur vende utensílios domésticos e ainda permanece no Mercado, no mesmo local desde 1947.

O Restaurante Goiano que vendia o famoso Prato Feito não existe mais.

### Box: Bar/Restaurante/Lanchonete

 <b>GELATERIA 32</b> Alimentação - Box 18 - norte	 <b>BAR DO ELIOI</b> Alimentação - Box 39 - sul	 <b>CALDO DE CANA ELIAS</b> Alimentação - Box 9 - norte	 <b>CAFETERIA 53</b> Alimentação - Box 53 - norte
 <b>PREÇO BOM</b> Alimentação - Box 39 - norte	 <b>AROMA CAFÉ</b> Alimentação - Box 17 - norte	 <b>TAMPA'S CAFETERIA</b> Alimentação - Box 18 - norte	 <b>BEER BOSS</b> Alimentação - Box 14 - norte
 <b>ICHIRO</b> Alimentação - Box 11 - norte	 <b>ORQUÍDEO GELATERIA</b> Alimentação - Box 7 - norte	 <b>VAIQUEQUER</b> Alimentação - Box 2 - norte	 <b>BOTECO VAIQUEQUER</b> Alimentação - Box 2 - norte
 <b>Bob's</b> Alimentação - Box 1 - norte	 <b>BOB'S</b> Alimentação - Box 1 - norte	 <b>CHOPPES DA BRANNA</b> Alimentação - Box 16 - sul	 <b>TRAPIQUE BAR</b> Alimentação - Box 24 - sul
 <b>RANCHO DA ILHA</b> Alimentação - Box 37 - sul	 <b>SUCOS DA ILHA</b> Alimentação - Box 14 - sul	 <b>STAZIONE</b> Alimentação - Box 2 - sul	 <b>BALCÃO MANÉ</b> Alimentação - Box 1 - sul
 <b>BOX 32</b> Alimentação - Box 4 - sul			

### Box: Artesanato

 <b>MÃO DE MARIA ARTESANATOS</b> Artesanato - Box 94 - norte	 <b>BAZAR CABANURU</b> Artesanato - Box 62 - norte	 <b>BRIQUETESARIA ARTESANAL</b> Artesanato - Box 01 - norte	 <b>INDOART'S</b> Artesanato - Box 38 - norte
 <b>PRESENTES DA ILHA</b> Artesanato - Box 17 - norte			

### Box: Calçados

 <b>BOX 34</b> Box 34 - norte - Calçados	 <b>BOX 33</b> Box 33 - norte - Calçados	 <b>BOX 32 CALÇADOS</b> Box 32 - norte - Calçados	 <b>ELIAS CALÇADOS</b> Box 31 - norte - Calçados
 <b>PEDRINHO CALÇADOS</b> Box 30 - norte - Calçados	 <b>LERBU CALÇADOS</b> Box 29 - norte - Calçados		

### Box: Confeccões

 <b>HORUS</b> Box 76 - norte - Confeccão	 <b>BAZAR BRITO</b> Box 75 - Confeccão	 <b>DEPÓSITO DE MEIAS GERAÍ</b> Box 73 - norte - Confeccão	 <b>SUN CAMISETAS</b> Box 30 - sul - Confeccão
---	--	---	---














### Box: Serviços

 <b>LACÕES &amp; FITAS</b> Box 66 - norte - Serviços	 <b>LOTÉRIA BOA SORTE</b> Box 52 - norte - Serviços	 <b>COPAÇÕES MODA ÍNTIMA - CONSERTO E REFORMA</b> Box 44 - norte - Serviços	 <b>PE QUENTE</b> Box 43 - norte - Serviços
 <b>BARBEARIA TRADICIONAL</b> Box 15 - norte - Serviços	 <b>BARBEARIA DO MERCADO</b> Box 15 - norte - Serviços		









### Box: Empório

 <b>EMPÓRIO MARTINS</b> Box 27 - norte - Empório	 <b>GRÃOS DA ILHA</b> Box 20 - norte - Empório	 <b>EMPÓRIUM 12</b> Box 12 - norte - Empório	 <b>DE GRÃO EM GRÃO</b> Box 3 - norte - Empório
 <b>QUITANDA DO PALADAR</b> Box 15 - sul - Empório	 <b>EMPÓRIO MANIA DA ILHA</b> Box 5 - sul - Empório		

### Box: Peixaria e Açougue

 <b>PEIXARIA MARCELO DO CHICO</b> Box 27 - sul - Peixaria e Açougue	 <b>PEIXARIA OLIVEIRA</b> Box 26 - sul - Peixaria e Açougue	 <b>PEIXARIA SOUZA</b> Box 24 - sul - Peixaria e Açougue	 <b>ESTAÇÃO DO BACALHAU</b> Box 23 - sul - Peixaria e Açougue
 <b>FAMARR PESCADOS</b> Box 21 - sul - Peixaria e Açougue	 <b>PEIXARIA SILVEIRA</b> Box 13 - sul - Peixaria e Açougue	 <b>PEIXARIA GUIMARÃES</b> Box 12 - sul - Peixaria e Açougue	 <b>PEIXARIA DODECA</b> Box 11 - sul - Peixaria e Açougue
 <b>PEIXARIA DO CHICO</b> Box 10 - sul - Peixaria e Açougue	 <b>PESCADOS SILVA</b> Box 9 - sul - Peixaria e Açougue	 <b>PEIXARIA GOLFINHO</b> Box 8 - sul - Peixaria e Açougue	 <b>Kretzer</b> Box 7 - sul - Peixaria e Açougue
			 <b>AÇOUQUE AURINO</b> Box 6 - sul - Peixaria e Açougue

### Box: Comércio em geral

 <b>FLORICULTURA DO MERCADO</b> Box 71 - norte - Comércio em Geral	 <b>CENTRAL PESCA E CAMARÃO</b> Box 68 - norte - Comércio em Geral	 <b>AGROPECUÁRIA DO MERCADO</b> Box 67 - norte - Comércio em Geral	 <b>TABACARIA AGUIAR</b> Box 45 - norte - Comércio em Geral
 <b>BAZAR MANGUE</b> Box 29 - sul - Comércio em Geral	 <b>BOX 13 - norte - Comércio em Geral</b>	 <b>BOX 5 - norte - Comércio em Geral</b>	 <b>BOX 4 - norte - Comércio em Geral</b>

IDEIAS...



Vão central Mercado Público 2018.  
Acervo pessoal



E SE AS MESAS E CADEIRAS NÃO ESTIVESSEM OCUPANDO O ESPAÇO...  
O QUE OCUPARIA? QUEM OCUPARIA?





Vão central Mercado Público 2018.  
Acervo pessoal

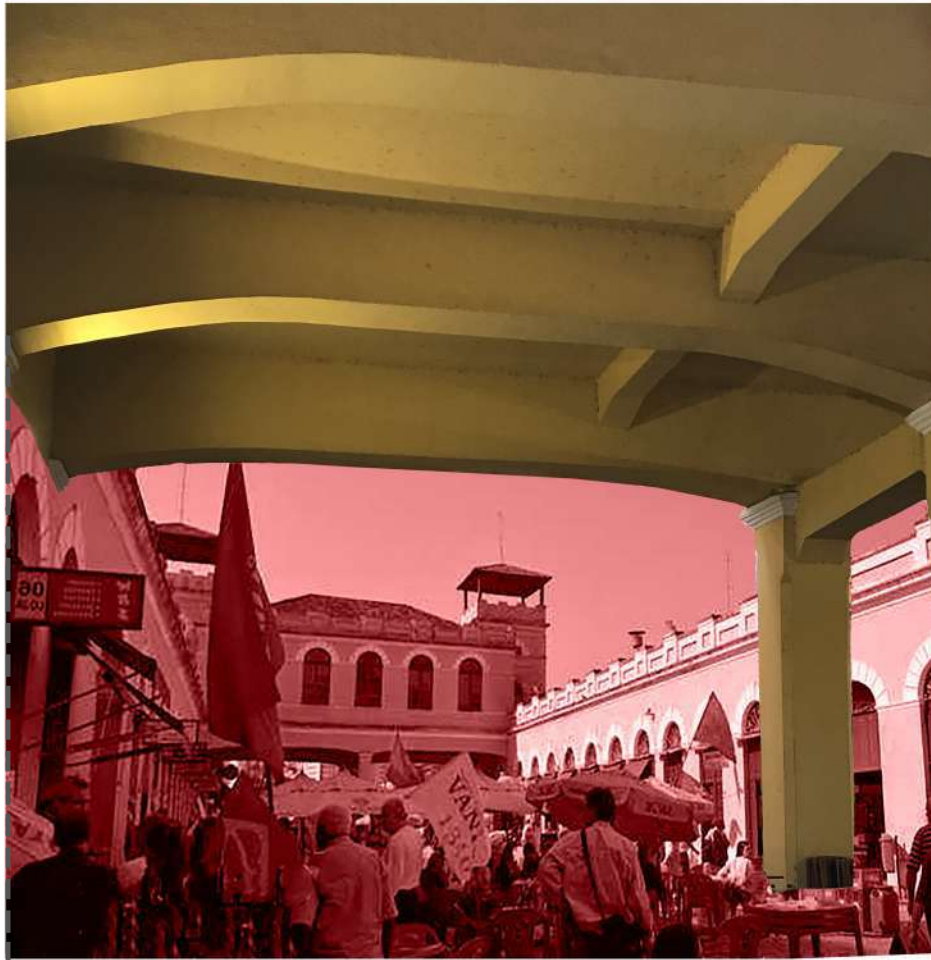
E SE A COBERTURA NÃO ESTIVESSE ALI...  
O PATRIMÔNIO VOLTARIA A SER VISTO?





Vão central Mercado Público 2018.  
Acervo pessoal

E SE A COBERTURA E AS MESAS NÃO ESTIVESSEM ALI...  
AS AÇÕES CONTINUARIAM AS MESMAS?





Vão central Mercado Público 2018.  
Acervo pessoal

E SE O COMÉRCIO MUDASSE...  
AS AÇÕES CONTINUARIAM AS MESMAS? AS PESSOAS SERIAM AS MESMAS?





Vão central Mercado Público 2018.  
Acervo pessoal



E SE O MERCADO PÚBLICO FOSSE PÚBLICO...



# CONSIDERAÇÕES

“No urbanismo contemporâneo, a distância, ou descolamento, entre prática profissional e a própria experiência da cidade, se mostra desastrosa ao separar o espaço urbano de seu caráter corporal e sensorial. As corpografias urbanas voluntárias, decorrentes das errâncias, através da própria experiência ou prática da cidade, questionam criticamente os atuais projetos urbanos contemporâneos, ditos de revitalização urbana, que vem sendo realizados no mundo inteiro segundo uma mesma estratégia – genérica, homogeneizadora e espetacular – que pode ser chamada de branding urbano, ou seja a produção em série da cidade-imagem de marca.” (JACQUES, 2008, p. 84)

Não pretendi, neste trabalho, costurar uma teoria coesa onde todos os autores, todos os conceitos tenham o seu lugar definido dentro de um processo pessoal e talvez controverso. Poderia dizer que esse trabalho se constituiu pelo meu encontro com textos, com inquietações e profundidades diversas da minha própria subjetividade. O trabalho ampliou meu conhecimento teórico em arquitetura, conceitos da antropologia e principalmente ampliou a prática de projeto e seu campo problemático. Proporcionou criar uma leitura que permitiu reconhecer a complexidade da nossa realidade.

Poderia inclusive dizer que há mais um princípio de similaridade do que uma sequência rígida regendo a organização dos tópicos, pois, todos os textos e imagens partiram de um mesmo interesse pelo contato direto com as coisas, seja refletindo sobre a cidade, arquitetura, pessoas, lugares ou a minha própria percepção, vagando por aí.

Estabeleci paralelos sobre a complexidade de sentidos e significados em diferentes escalas dos conceitos de lugar e principalmente não lugar, pois, senti a necessidade de me questionar e refletir sobre a importância desses conceitos em um contexto de globalização e de profunda transformação dos espaços da sociedade contemporânea.

Políticas de “revitalização” em áreas históricas e principalmente em edifícios de patrimônio integram um dos principais processos contemporâneos de reabilitação urbana. Todavia, como apontado no trabalho, esse processo tem contribuído para criação de cenários homogêneos e espetaculares feitos para o consumo imediato de públicos específicos, por meio de processos de privatização excludentes. Espaços públicos urbanos que deveriam permitir a livre expressão cultural e política.

O Mercado Público de Florianópolis nesse contexto também é, como toda a cidade, espaço de contradições, do embate entre público e privado. Motivo de disputa de interesses, o patrimônio se tornou uma mercadoria. O Mercado corre o risco, se continuar nesse processo, de se transformar em local exclusivamente turístico e principalmente se tornar mais um não lugar na cidade.

Sendo assim, acredito que exista a necessidade de maiores discussões a respeito da cidade contemporânea e seus espaços do passado e do presente. Para que a identidade e a cultura do local permaneçam e não se tornem espaços universais e artificiais.

Diante disso, o trabalho também faz uma crítica ao papel do arquiteto e urbanista na contemporaneidade. Uma vez que a nossa prática pode representar e mudar muito o espaço. Acredito na ação do arquiteto como prática estética e política. Acredito que as ações têm poder e têm posicionamento. Podem representar resistência e insurgência, assim como podem representar estranhamento e segregação. As ideologias existem, os discursos existem e os interesses existem. As pessoas e todas as complexidades da sociedade contemporânea existem. A questão é que a cidade global necessita de uma nova abordagem por parte dos arquitetos e urbanistas. Uma abordagem mais crítica.

“É na vida pública que as pessoas reafirmam suas diferenças e legitimam suas visões de mundo: o espaço público não se ergue na harmonia das falas, mas na comunicabilidade política do “desentendimento” (Rancière, 1996), da qual emergem diferentes inteligibilidades sobre fatos iguais, e torna factível a possibilidade democrática. Somente no âmbito da vida pública, e nunca na esfera privada, as pessoas compartilham ou disputam realidades, de onde aflora a condição humana da pluralidade, base da difícil convivência social e das relações de poder (...)” (LEITE, 2001)

# BIBLIOGRAFIA

- AUGÉ, Marc. Dos lugares aos não lugares. In: Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papyrus, 1994. p. 113-130.
- BRITO, Fabiana Dultra; JACQUES, Paola Berenstein. Cenografias e Corpografias Urbanas. Um diálogo sobre as relações entre corpo e cidade. Cadernos PPGAU, "Paisagens do Corpo", Salvador, 2008.
- CARMO, Paulo Sérgio do. Merleau-Ponty: uma Introdução. São Paulo: Educ. 2000
- CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano. 3d . Petrópolis: Vozes, 1998.
- FERNANDO, Diogo. Mercado Público de Florianópolis um patrimônio artístico, histórico e arquitetônico da Ilha de Santa Catarina. Junho 2017. Disponível em: < <http://blog.feriasfloripa.com.br/mercado-publico-de-florianopolis/>> Acesso em: 10 março de 2018
- FONTES, Adriana Sansão. Intervenções temporárias e marcas permanentes na cidade contemporânea. Arqitetura revista, Vol. 8, n. 1, p. 31-48, jan/jun 2012
- GUATARRI, Felix. Caosmose. Um novo paradigma estético. Tradução de Ana Lucia de Oliveira; Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 1992.
- HOLL, Steven. Cuestiones de percepción. Fenomenologia de la arquitectura. Barcelona: Editora Gustavo Gili,SL, 2011.
- JACQUES, Paola Berenstein. A espetacularização urbana contemporânea. Cadernos PPGAU, "Territórios Urbanos e Políticas Culturais", Salvador, 2004.
- JACQUES, Paola Berenstein. Corpografias Urbanas. O corpo enquanto resistência. Cadernos PPGAU, "Resistências em Espaços Opacos", Salvador, 2007.
- JACQUES, Paola Berenstein. Elogio Aos Errantes. A arte de se perder na cidade. In Corpos e Cenários Urbanos, EDUFBA, Salvador, 2004.
- JACQUES, Paola Berenstein. Estética da Ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001.
- LEITE, Rogerio Proença. Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Mangueira. Contra-usos e espaço público. Rev. bras. Ci. Soc. [online]. 2002, vol.17, n.49, pp.115-134. ISSN 0102-6909.

MATTOS, Tarcísio. Hercílio Luz: uma ponte. Florianópolis: Tempo Editorial, 2002.

NORBERG-SCHULZ, Christian. O fenômeno do Lugar. In: NESBITT, Kate (Org.). Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995) 2d. São Paulo: Cosac Naify, 2008. p. 443-460.

PALLASMAA, Juhani. A geometria do Sentimento. In: NESBITT, Kate (Org.). Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995) 2d. São Paulo: Cosac Naify, 2008. p. 481-490.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. Homens Lentos, Opacidades e Rugosidades. Redobra, Salvador, ano 3, n. , 2012. Disponível em: <[http://www.redobra.ufba.br/wp-content/uploads/2012/04/redobra9\\_Homens-Lentos-Opacidades-e-Rugosidades.pdf](http://www.redobra.ufba.br/wp-content/uploads/2012/04/redobra9_Homens-Lentos-Opacidades-e-Rugosidades.pdf)> Acesso em: 20, outubro de 2017.

SEVALHO, Gil. O "homem dos riscos" e o "homem lento" e a teorização sobre o risco epidemiológico em tempos de globalização. Botucatu: Jan./Mar. 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832012000100002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832012000100002)> Acesso em: 03, novembro de 2017.

TEIXEIRA, Luiz Eduardo Fontoura. ESPAÇOS PÚBLICOS DA ORLA MARÍTIMA DO CENTRO HISTÓRICO DE FLORIANÓPOLIS: O LUGAR DO MERCADO. Dissertação, Florianópolis, junho, 2002.

VEIGA, Eliane Veras. Florianópolis: Memória Urbana – 3a Ed. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 2010.

VELLOSO, Rita. O tempo do agora da insurgência: memória de gestos e política do espaço, Segundo Walter Benjamin. In: BRITTO, Fabiana Dultra; JACQUES, Paola Berenstein. Corpocidade: gestos urbanos. Salvador: EDUFBA, 2017, p. 43-69.